

Karla Patrícia Cardoso Amorim

**A (BIO)ÉTICA E A ODONTOLOGIA:
os (des)caminhos de uma formação humana**

Tese apresentada à Universidade Federal
do Rio Grande do Norte - Programa de
Pós-Graduação em Ciências da Saúde,
para obtenção do Título de Doutor em
Ciências da Saúde

Natal
2006

Karla Patrícia Cardoso Amorim

**A (BIO)ÉTICA E A ODONTOLOGIA:
os (des)caminhos de uma formação humana**

Tese apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, para obtenção do Título de Doutor em Ciências da Saúde

Orientadora: Prof^a Dr^a Iris do Céu Clara Costa

Co-Orientadora: Prof^a Dr^a Maria do Socorro Costa Feitosa Alves

Natal
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde:
Prof. Dr. Aldo da Cunha Medeiros

Karla Patrícia Cardoso Amorim

**A (BIO)ÉTICA E A ODONTOLOGIA:
os (des)caminhos de uma formação humana**

Presidente da Banca: Profª Drª Iris do Céu Clara Costa

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria do Carmo Eulálio Brasileiro

Profª Drª Claudia Helena Soares de Moraes Freitas

Profª Drª Raimunda Medeiros Germano

Prof. Dr. Antônio Medeiros Júnior

Aprovada em: 05/12/2006

Dedicatória

A Deus.

Aos meus pais, Adalberto e Graça, pelo
amor incondicional.

Ao meu filho, Pedro Henrique,
por me dar tanta alegria que, embora,
talvez, não saiba, em muito contribuiu
para que eu tivesse ânimo e disposição
para concluir o doutorado.

Ao meu marido, o meu Junger,
que sempre esteve presente, com amor,
amizade e tranqüilidade, dando-me
incentivo e motivação para que eu
continuasse e conseguisse concluir esta
etapa importante da minha vida.

Agradecimentos

À Prof^a Dr^a Iris do Céu Clara Costa, pela forma que me acolheu e me conduziu durante este processo, e por sua amizade, compreensão e carinho.

À Prof^a Dr^a Maria do Socorro Costa Feitosa Alves, por acreditar na minha capacidade e nas minhas idéias, e, principalmente, por suas orientações e contribuições competentes, sua dedicação e paciência.

À Prof^a Dr^a Raimunda Medeiros Germano, por sua delicadeza, sensatez, sensibilidade e carinho, bem como pelas sábias e valiosas contribuições.

À minha sogra D. Delfina e ao meu cunhado Edgar, pelo apoio incondicional e companhia, durante as minhas idas ao Rio de Janeiro, na fase de coleta de dados.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, pela oportunidade de execução da presente pesquisa.

Aos Profs. Drs. Lúcia de Fátima Campos Pedrosa, Kênio Costa de Lima e Vera Maria da Rocha pelas sugestões eficientes na minha apresentação oral prévia.

Ao Prof. Dr. George Dantas de Azevedo, ex-coordenador do PPgCSA, pela sua atenção, educação e paciência, bem como pela sua disponibilidade de ajuda.

A Cecília Isabel dos Santos, bibliotecária da Biblioteca Setorial da Faculdade de Odontologia da UFRN, por me ajudar e facilitar os empréstimos dos periódicos estudados, bem como todos os demais funcionários daquele setor, pela atenção que me dispensaram, nas minhas inúmeras visitas àquele local.

Às bibliotecárias da Biblioteca da Universidade Potiguar (Campus Salgado Filho), por me concederem o empréstimo dos exemplares ali presentes, mesmo eu não tendo vínculo com a Instituição.

A todos os funcionários das demais bibliotecas visitadas (UFRJ, UERJ, UFF, USP, ABO-RN e ABO-RJ), com quem mantive contato direto, pelo empenho, senso de colaboração e atenção a mim dispensados.

Aos editores das Revistas ABO Nacional, APCD e RBO, por me disponibilizarem os materiais possíveis para a realização da Pesquisa.

*Se queres progredir não deves repetir a
história, mas fazer uma história nova.
Para construir uma nova história é preciso
trilhar novos caminhos.*
Gandhi

*Nada posso fazer por quem não se
questiona.*
Confúcio

Sumário

Dedicatória	v
Agradecimentos	vi
Lista de Figuras	x
Lista de Tabelas	xi
Resumo	xii
1 INTRODUÇÃO	1
2 REVISÃO DA LITERATURA	6
3 ARTIGOS	16
3.1 Artigo Publicado	17
3.2 Artigo Aceito para Publicação	29
3.3 Artigo Submetido	55
4 COMENTÁRIOS, CRÍTICAS E CONCLUSÕES	83
5 ANEXOS	96
6 REFERÊNCIAS	100
Abstract	
Bibliografia Consultada	

Listas de figuras

- Figura 1.** Distribuição dos artigos relacionados à (bio)ética, dentro do período de 1990-2004, e publicados pelas três revistas 96
- Figura 2.** Distribuição dos artigos relacionados à (bio)ética, dentro do período de 1990-2004, e publicados pela Revista ABO Nacional 96
- Figura 3.** Distribuição dos artigos relacionados à (bio)ética, dentro do período de 1990-2004, e publicados pela Revista APCD 97
- Figura 4.** Distribuição dos artigos relacionados à (bio)ética, dentro do período de 1990-2004, e publicados pela Revista RBO 97

Lista de tabelas

- Tabela 1.** Distribuição dos artigos por área de formação e/ou atuação do 1º autor e periódicos 98
- Tabela 2.** Distribuição dos artigos por vínculo e/ou cargo funcional do 1º autor e periódicos 98
- Tabela 3.** Distribuição dos artigos pelo tipo de instituição na qual o 1º autor está vinculado e periódicos 99
- Tabela 4.** Distribuição dos artigos, por localidade da instituição na qual o 1º autor está vinculado, publicados pelas três revistas durante o período de 1990-2004 99
- Tabela 5.** Distribuição dos artigos de acordo com o sexo do 1º autor e periódicos 99
- Tabela 6.** Distribuição dos artigos por suas metodologias e periódicos 99

Resumo

A presente pesquisa realizada a partir de três revistas nacionais de odontologia publicadas no período de 1990 a 2004, tem como objetivo analisar como a (bio)ética vem sendo abordada nesta área, não só identificando as principais preocupações e tendências, mas também visando apreender como esse conhecimento é produzido e divulgado no âmbito odontológico. Articulamos uma abordagem quantitativa/qualitativa, estudando 2995 artigos. A análise do material empírico revela que, apesar de existir uma tendência de crescimento dessa discussão, pouco tem sido publicado sobre o tema (1,9%). Além do mais, parece haver um descompasso entre a atual abordagem da (bio)ética em odontologia e as atuais exigências da vida, onde predominam os enfoques deontológico e legalista, parecendo corresponder apenas aos aspectos internos da profissão. Apesar disso, através da abordagem qualitativa foi possível identificar caminhos para a construção de uma formação e prática odontológicas mais complexas e integrais. Dentre as conclusões, apontamos, ainda, que, esta investigação, mesmo diante de suas limitações, parece oferecer subsídios para reflexão e posteriores estudos sobre o tema, servindo de parâmetro para acompanhar a evolução do pensar (bio)ético na odontologia.

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios das profissões de saúde, como de resto de outras áreas do saber humano, a ética sempre foi vista como pedra angular do comportamento profissional. No entanto, são muitas as formas de concebê-la. Essa concepção se reveste de um significado da mais alta relevância, quando se trata da missão de educar, de formar pessoas para a vida e para a profissão, pois representa o fio condutor que enforma a atitude do cidadão e do profissional.

De conformidade com Morin ¹, *o problema ético é um problema de conflito de valores*. Assim sendo, encerra uma complexidade que extrapola a realidade dos códigos, das leis, das normas, simplesmente. De preferência, mais do que formular determinadas normas e cristalizá-las num código, é tarefa da ética, ensinada e vivida na odontologia, realizar uma reflexão crítica, questionadora, que tenha por finalidade salvar o humano, a hipoteca social de toda atividade profissional; e, assim, procurar a humanização do trabalho, isto é, colocá-lo a serviço do ser humano e da sociedade como um todo. Para se criar uma consciência ética real interior, com os alicerces da responsabilidade, respeito e solidariedade, não basta, apenas, saber o que é certo ou errado, permitido ou proibido no exercício profissional. São necessárias reflexões mais complexas e globais.

A nossa dissertação de mestrado ² teve o propósito de identificar o lugar da (bio)ética na formação dos odontólogos e qual o sentido que lhe foi atribuído, pelos docentes do Curso de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na mencionada formação. Tal estudo nos conduziu às seguintes conclusões: em primeiro lugar, podemos afirmar que o ensino de (bio)ética não vem se desenvolvendo em um sentido transversal na formação do odontólogo. Ocorre de

forma pontual, como disciplina isolada, privilegiando, sobretudo, as leis, códigos e normas inerentes à profissão.

Apesar disso, o sentido de transversalidade, que defendemos no ensino da (bio)ética, felizmente, foi, igualmente, apontado pelos professores entrevistados, o que significa abrir perspectivas para uma nova prática docente, prática esta que possibilite religar as partes perdidas, decorrentes, de alguma maneira, do modelo cartesiano que favorece a fragmentação do saber e, em decorrência, fragmenta o próprio homem.

Em segundo lugar, os professores deixaram transparecer um sentimento de otimismo ao expressarem os caminhos e possibilidades de uma nova prática na formação do odontólogo, que ultrapassem a visão eminentemente técnica, e contemplem, da mesma forma, os aspectos políticos, sociais e éticos necessários a essa formação.

Esse sentimento de otimismo, demonstrado pelos professores, nos proporcionou o mesmo entusiasmo, deixando mais evidente a necessidade de um aprofundamento do tema em nível de doutorado, uma vez que existem muitas lacunas a serem preenchidas.

Assim sendo, e partindo da premissa de que a forma como o saber é construído e divulgado é de suma importância para a formação odontológica, uma vez que influencia e norteia os pensamentos, as reflexões e as atitudes, pois moldam os fazeres em todos os campos do conhecimento, resolvemos realizar a presente pesquisa, intitulada: **A (bio)ética e a odontologia: os (des)caminhos de uma formação humana**. A escolha deste título é proveniente da metáfora entre a (bio)ética e a luz. Uma das funções inerentes da luz é iluminar os caminhos e caminhadas a serem percorridos no viver, sem estabelecer e ditar o melhor ou pior.

No entanto, como existem várias trajetórias e possibilidades na estrada da vida, e a energia radiante – a luz –, abrange todas elas, a escolha, por quais seguir, deverá ser pessoal, livre e responsável.

É salutar expormos a nossa concepção e entendimento acerca do que venha a ser uma formação humana. Dessa forma, e em concordância com Morin ³, esta é uma formação complexa, integral, não disjuntiva, que concilia: *sujeito e objeto, alma e corpo, espírito e matéria, qualidade e quantidade, finalidade e causalidade, sentimento e razão, liberdade e determinismo, existência e essência.*

Esta trabalho trata-se de um estudo bibliográfico, dentro de um recorte temporal de quinze anos, tendo como objetivo **analisar como a temática (bio)ética vem sendo abordada na área de odontologia, a partir de três periódicos nacionais da área, publicados no período de 1990 a 2004, e, assim, identificar quais foram suas principais preocupações e tendências, visando apreender como esse conhecimento tem sido produzido e divulgado neste âmbito.**

Do conjunto de revistas especializadas em odontologia e publicadas no Brasil, selecionamos três para constituírem a pesquisa, quais sejam: a Revista da Associação Brasileira de Odontologia (ABO Nacional), a Revista da Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas (Revista APCD) e a Revista Brasileira de Odontologia (RBO), publicada esta pela ABO – Seção RJ.

A revista é uma maneira dinâmica de divulgar o conhecimento. Refletindo, criticamente, observamos que a revista não tem apenas o propósito principal de estabelecer um elo de comunicação entre os profissionais e estudantes de odontologia; serve de depositária das concepções que plasmam, moldam e dão existência à odontologia nacional.

Essa conjectura é fortalecida pelo pensamento de Laville e Dionne ⁴, quando afirmam que é nas revistas científicas que se vê melhor e mais rapidamente a ciência que se faz, e que a comunidade pode avaliar a justa medida da pesquisa, pois o pesquisador precisa dizer o essencial, e com concisão, pois as páginas são limitadas.

Diante do exposto, e refletindo acerca dos pressupostos, aqui defendidos, a respeito das revistas científicas, da (bio)ética e da necessidade de um pensar complexo na formação odontológica, nos indagamos:

- Que conhecimento a odontologia brasileira vem produzindo? E qual o espaço que a (bio)ética ocupa nessa produção científica?
- A (bio)ética, transmitida nos artigos, prende-se às questões gerais da vida e da condição humana em relação à odontologia, ou aos aspectos normativos da profissão contidos em códigos deontológicos?
- Há um descompasso entre a abordagem da (bio)ética em odontologia e as atuais exigências da vida?

Partindo das considerações feitas sobre o tema, iniciamos nosso estudo, cuja exposição encontra-se distribuída em quatro capítulos.

A introdução delimita o objeto de estudo, explicitando as nossas motivações e escolha do tema, apresentando, também, os objetivos e questões de pesquisa.

O segundo capítulo, a revisão de literatura, aborda o aporte teórico da pesquisa.

No capítulo a seguir, o terceiro, estão inseridos os três artigos científicos gerados a partir da pesquisa realizada. Neles, estão expostos a trajetória metodológica da pesquisa, os resultados, a análise da base empírica, as discussões e as considerações finais do nosso estudo.

Por fim, o quarto capítulo expõe aspectos relevantes não contemplados nos artigos científicos, sob a forma de comentários, críticas e conclusões.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A compartimentalização e a fragmentação dos saberes, aliadas a uma visão positivista e cartesiana da realidade e ao modelo mercantilista atual, perdem de vista as questões globais e o sentido holístico do homem e, aos poucos, vêm contribuindo para a construção de uma ciência sem alma que desumaniza e, ao mesmo tempo, banaliza a vida ¹.

A hipertrofia do *logos* (razão), em detrimento do *pathos* (sentimento), induz a uma visão utilitarista da vida e a uma dimensão parcial do homem ⁵.

A ciência, ao longo dos tempos, proporcionou um acúmulo de conhecimentos, os quais, necessariamente, não se pautaram por um progresso ético/moral. E esse descompasso, cada vez mais acentuado, repercute negativamente nas diferentes esferas da vida, em particular, na atividade educativa, pois, como lembrava Montaigne, pensador francês do século XVI, *mais vale uma cabeça bem feita do que uma cabeça bem cheia*.

Há distinção e vinculação entre o conhecimento e a ética. Esse vínculo aparece quando se toma em consideração o ato moral, não isoladamente, mas na sua inserção e nas suas conseqüências no mundo ⁶.

Assim sendo, a ética surge em nome de um ser concebido como racional, desejante, voluntário e livre e que, dessa forma, não pode ser tratado como inanimado. Na perspectiva de Mattos ⁷, a ética veio para nos libertar de uma dupla violência: contra nós mesmos (passividade, covardia, medo, inveja, entre outros) e contra outrem (assassinato, escravidão, mentira, crueldade, e assim por diante). Dessa forma, a autora indaga e ao mesmo tempo responde: *Seria a ética essa redentora ou a forma perfeita da violência, vestida de razão? Não nos satisfaríamos*

com uma simples definição e, agora nos damos conta que jamais poderíamos pretender a exatidão, a certeza da resposta (p.24).

Aristóteles teve aguda consciência disso, quando escreveu, ainda no início da *Ética a Nicômaco*⁸: *Não nos entregamos a essas indagações para saber o que é a virtude, mas para aprender a tornar-nos virtuosos e bons, pois de outra maneira este estudo seria completamente inútil (p.61).*

Durante o período medieval, a ascese tornou-se questão central para a filosofia e a fé, sendo incorporada ao discurso racional como dualidade a ser resolvida. Os filósofos do tempo referido consideravam que éramos entes participantes de todas as formas de realidade: nosso corpo, partícipe da natureza, e a alma, da inteligência divina. A ética iluminava o intelecto; vista desde a patrística até a alta escolástica, era impregnada de um conteúdo religioso.

Todo o comportamento humano dependia da interpretação da vontade de Deus. Era, portanto, expressão e função precípua da religião. As questões éticas foram submetidas aos ditames da moral, não havendo ainda uma distinção clara entre essas disciplinas.

Na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, verificamos um deslocamento do pólo de aglutinação da sociedade de Deus para o homem, do Criador para a criatura.

A modernidade, sob certo aspecto, consistiu na passagem do teocentrismo para o antropocentrismo. As bases da vida social e humana deixaram de ser buscadas diretamente em Deus e passaram a ser encontradas no próprio ser humano. O supremo regulador da vida e da sociedade, assim como do saber e da ética, passou a ser a razão. A história e o pensamento são o prevaecimento progressivo da razão, desde a obscuridade da infância da humanidade até a

iluminação do saber racional, que se há de irradiar a todos os domínios da vida pessoal e social.

A primeira tarefa dos modernos foi a de separar fé e razão, considerando-as distintas. A partir do Renascimento, a filosofia moral distancia-se dos princípios teológicos e da fundamentação religiosa da ética, mas a idéia do dever permanecerá como uma das marcas principais da concepção ética ocidental. A partir de então, a filosofia moral passa a distinguir tipos fundamentais de conduta: a conduta moral ou ética (que se realiza de acordo com as normas e as regras impostas pelo dever); a conduta imoral e antiética (que se realiza contrariando as normas e as regras fixadas pelo dever); e a conduta indiferente à moral (quando situações não são definidas pelo bem e pelo mal, e nas quais não se impõem as normas e as regras do dever)⁹.

Homem do Iluminismo, época em que o conhecimento intelectual alcançou um valor supremo e divinizou a razão, Immanuel Kant não preconiza mudar o conhecimento que os homens têm em matéria de moral; não propõe um sistema novo, mas, como ele próprio diz, uma nova fórmula.

Kant ¹⁰ ofereceu uma resposta aos problemas oriundos das idéias inatas. Somos egoístas, destrutivos, ambiciosos, agressivos, hipócritas, ávidos de prazeres nunca saciados, e, em nome deles, matamos, roubamos, mentimos. Não acreditando na bondade natural dos seres, ele reafirma a necessidade da razão na ética, ou seja, diante da exposição kantiana o homem não é um ser moral apenas, mas também um ser natural, movido por sentimentos, emoções, interesses, que são mais fortes do que a razão, precisando esta impor deveres para que sejam livres. Enfim, entender o homem em sua humanidade.

A evolução da teoria ética e da ética prática obedecem a um processo que é lento e gradual, mas dinâmico; tanto no que diz respeito às questões individuais,

como naquelas situações que se referem ao coletivo, guardando estreita relação com o desenvolvimento da democracia, dos direitos humanos e dos princípios de cidadania ¹¹.

Anteriormente a qualquer reflexão sobre a ética, podemos indagar primeiramente: O que vem a ser ética? Qual a diferença entre ética e moral? Por que se fala hoje em (bio)ética?

Encontramos, na maioria dos livros e manuais sobre ética, que a mesma vem do grego *ethos*. Tal palavra se escreve de duas formas: com eta, (a letra **e** em tamanho pequeno) e com o epsilon (a letra **E** em tamanho grande).

O *ethos* (com **e** pequeno) significa a morada, residência, lugar onde se habita. Dessa forma, a morada deve ser cuidada e retrabalhada, enfeitada e melhorada; logo, o *ethos* não é algo acabado, mas algo aberto a ser sempre feito, refeito e cuidado como só acontece com a moradia humana; *ethos* se traduz, então, por ética ⁵.

O significado de *Ethos* (com **E** grande o epsilon, em grego) é referente a costumes, vale dizer, ao conjunto de valores e de hábitos consagrados pela tradição cultural de um povo. Da mesma forma, *moral* (*mos-mores*, em latim) significa, exatamente, os costumes e valores de uma determinada cultura. Por isso, muitas vezes, ambas são entendidas como sendo a mesma coisa.

No entanto, para muitos autores, a moral assume duas dimensões: uma vivida, praticada, e outra pensada, habitualmente denominada ética. Em outras palavras, como discorre Vázquez ¹², o vocábulo moral se emprega para definir comportamentos concretos, normas que regem a conduta humana, vivida livre e responsabilmente, enquanto a ética seria a reflexão filosófica sobre a moral. Resumindo: a moral é o agir e a ética é o pensar e refletir sobre a moral.

Segre ¹³ concebe a ética como a capacidade de percepção dos conflitos da vida (emoção versus razão) e na condição, que podemos adquirir, de nos posicionarmos, de forma coerente, face a esses conflitos, tendo três pré-requisitos básicos: a consciência (propriedade de percepção dos conflitos), a autonomia (condição de posicionar-se entre a emoção e a razão, sendo que essa escolha de posição é ativa e autônoma), e a coerência.

Ademais, Morin ⁶, mais recentemente, tecendo considerações sobre a ética, afirma que *todo olhar sobre a ética deve reconhecer o aspecto vital do egocentrismo, assim como a potencialidade fundamental do desenvolvimento do altruísmo*. O autor considera que a essência da ética se dá através da possibilidade que os homens têm de transitar e posicionar-se entre o egoísmo e o egocentrismo.

E por que bioética?

Fazendo reflexões sobre os avanços das biotecnologias na área da saúde, como nas demais áreas do saber, conseguimos observar que a ética fica ofuscada pelos ditames da tecnologia cientificamente boa, porém, muitas vezes, moralmente má. Dessa forma, a (bio)ética aparece no panorama atual como um movimento renovador e consegue se impor, no atual contexto, como algo necessário e imprescindível; não somente para a área de saúde, mas para a sobrevivência da vida humana e do planeta. Já se fazia sentir há alguns anos a necessidade de ser retomada a discussão ética no setor saúde, bem como nos demais setores da sociedade planetária, baseada em novos parâmetros e levando-se em consideração a atual realidade concreta. É esse o papel que a (bio)ética desempenha: um fortalecimento da ética.

É importantíssimo frisar que não é propósito do nosso trabalho fazer distinção entre ética e bioética, considerando a segunda como parte da primeira, uma vez que

bioética, no seu sentido etimológico, é a ética da vida; por isso, optamos em grafá-la de uma forma diferente (bio)ética. E, assim sendo, não podemos concebê-la como algo novo e inédito, mas como um neologismo para renovar a discussão ética.

Achamos, por vezes, preocupante, a forma pela qual algumas pessoas da área científica concebem a (bio)ética, muitas vezes, criando uma barreira de especificidade e especialidade em torno da mesma. É como se a (bio)ética fosse algo superior, inatingível, fora do alcance dos profissionais comuns, e sim, algo a ser discutido, apenas, por pessoas “habilitadas” para isso. Esta deveria ser passada como a forma mais simples e bela de se pensar e viver, com base no respeito e no amor mútuo; isso em relação aos outros seres humanos, bem como aos animais, plantas, ar, planeta e universo. Refletindo a respeito dessa perspectiva, vemos que nenhuma disciplina sozinha dará conta desse cunho plural da (bio)ética, ficando explícito o seu caráter transdisciplinar.

O neologismo bioética surgiu nos Estados Unidos. Foi primeiramente utilizado por Van Rensselder Potter, cancerólogo da Universidade de Wisconsin, Madison, na obra *Bioethics: bridge to the future*, publicada em janeiro de 1971. Porém, apenas seis meses mais tarde, Andre Hellegers, obstetra holandês que trabalhava na Universidade de Georgetown, sem ter conhecimento do neologismo, utiliza esse termo para fundar e dar nome ao *Joseph and Rose Kennedy Institute for the Study of Human Reproduction and Bioethics*.

Esse desconhecimento de Hellegers, em relação ao neologismo, e o duplo lugar de nascimento têm uma relevância especial, pois o significado atribuído por ambos foi diferente, o que refletiria mais tarde, porque, dependendo da cultura de cada local, o significado e o entendimento da bioética se deram e se dão diferentemente.

Potter dá-lhe um sentido marcadamente ecológico e evolucionista, como designação de uma “ciência de sobrevivência”: uma combinação dos conhecimentos biológicos com o conhecimento dos valores humanos. Ele aspirava criar uma disciplina que fosse ponte entre culturas, ciências e humanidades, que pareciam em seu tempo amplamente distanciadas ¹⁴. Sua preocupação não era só a sobrevivência da espécie humana, mas, também, das variadas culturas.

Hellegers restringe-a a uma ética das ciências da vida, particularmente consideradas ao nível humano (ética biomédica). Esse legado de Hellegers é que tem prevalecido nos últimos trinta anos.

Segundo Neves, foram as próprias condições de surgimento da bioética que determinaram a significação que ela teria que protagonizar: *se as preocupações de Potter eram mais abrangentes e se demonstrariam indispensáveis, as de Hellegers pareciam então mais exigentes e ainda mais próximas do homem, tratando-se dele próprio* ¹⁵.

No entanto, a concepção de Potter sobre a bioética, no nosso entender, tem mais possibilidade de dar conta do que Boff chama de um necessário e urgente *ethos* mundial ⁵. Embasada nessa perspectiva, é que pretendemos abordar a (bio)ética na odontologia; uma visão mais ampla que combine o conhecimento científico e filosófico e não somente um ramo da ética aplicada à saúde.

Esse debate não se restringiu aos Estados Unidos. Na Europa, preocupações (bio)éticas também faziam parte do cenário de discussões de profissionais de diferentes áreas. As primeiras iniciativas de peso ocorreram na década de 1980, com a institucionalização de diversas comissões de ética, muito em particular dos Conselhos Nacionais de Ética, como, inicialmente, aconteceu na França, em 1983 ¹⁵.

De uma forma geral, as temáticas não se alteram substancialmente, nos

Estados Unidos e Europa. No entanto, Neves nos adverte que *a perspectiva anglo-americana é mais individualista do que a européia, pelo fato da primeira privilegiar a autonomia da pessoa singular* ¹⁵. Daí a mesma permanecer profundamente empenhada no que podemos designar por microproblemas, questões cuja resolução importa de forma imediata e decisiva para um indivíduo, por oposição aos macroproblemas, cujos interesses morais de todo um grupo se encontram envolvidos e que o panorama europeu concentra mais fortemente a sua atenção. A perspectiva européia manifesta, da mesma forma, uma acentuada preocupação pela dimensão social do homem e pelas questões que lhe dizem respeito, colocando maior ênfase no sentido da justiça, da equidade no benefício da ação, do que nos eventuais direitos que assistem cada indivíduo.

A concepção filosófica da bioética, conforme desenvolvida em países europeus, fortalece sua dimensão transdisciplinar e reconhece, na antropologia (cultural e filosófica), o suporte teórico para o seu ensino ¹⁶. Assim, considerando a proximidade das culturas e valores morais das sociedades brasileira e européia, a concepção européia da bioética parece mais apropriada para seu ensino e discussão no Brasil. Dessa forma, Azevedo ressalta: *ainda que, em países do primeiro mundo, o ensino da Bioética esteja voltado para problemas éticos gerados pela aplicação de novas tecnologias, no Brasil, os problemas bioéticos têm maior amplitude* ¹⁶. As diversidades sociais, econômicas e ambientais prevalentes no País concorrem para que, ao lado dos problemas advindos dos avanços tecnológicos, persistam problemas nacionais específicos.

Esse modo de pensar só vem corroborar a classificação sugerida por Berlinguer ¹⁷. O autor situa os diversos temas tratados pela bioética como: problemas das situações emergentes e problemas das situações persistentes. Os

primeiros se ocupando dos conflitos originados da contradição verificada entre o progresso biomédico desenfreado dos últimos anos e os limites ou fronteiras da cidadania e dos direitos humanos, como as fecundações assistidas, as doações e transplantes de órgãos e tecidos, o engenheiramento genético de animais e da própria espécie humana e inúmeras outras situações. A bioética das situações persistentes analisa aqueles temas cotidianos que se referem à vida das pessoas e que persistem desde muito tempo – o racismo, a discriminação da mulher, do velho, a eutanásia, o aborto e a exclusão social, dentre outros. Dessa forma, temos que ter em mente, ao falar em (bio)ética no Brasil e, mais particularmente, no seu ensino, que os problemas persistentes devem obrigatoriamente ser contemplados.

A sociedade do século XXI terá possivelmente o seu foco no aumento da necessidade de mútua cooperação entre contemporâneos e do respeito para com os direitos das gerações futuras. Na nossa concepção, um ensino pautado em uma cultura da ética da vida possibilita uma ampliação da visão de mundo do ser humano e cidadão e, conseqüentemente, do profissional, configurando uma nova aliança entre conhecimento e mundo, como propõe Prigogine ¹⁸. Duvidarmos, questionarmos, refletirmos, inquietarmo-nos faz parte do processo de aprendizagem pautado na (bio)ética, uma vez que teremos que nos posicionar como co-responsáveis pelos seres humanos e vida planetária.

Em suma, como defende Morin ⁶, *a crise ética da nossa época é, ao mesmo tempo crise da religação indivíduo/sociedade/espécie*, onde se verifica o hiperdesenvolvimento do princípio egocêntrico em detrimento do princípio altruísta. Dessa forma, a (bio)ética constitui, enfim, um aprendizado a respeito do outro, de sua identidade, de sua dignidade, de sua própria cultura, onde se faz necessário o entendimento proposto por Allan Watts:

Tudo isto acompanha tudo aquilo
Sem os outros não há eu
Sem outro lugar não há aqui
De forma que, neste sentido,
Ser é outro e aqui é outro lugar.

3 ARTIGOS

3.1 Artigo Publicado

- A construção do conhecimento na odontologia: a produção científica em debate.
Acta Cirúrgica Brasileira 2005; 20, (1 Suppl):12-15.

3.2 Artigo Aceito para Publicação

- A construção do saber em odontologia: a produção científica de três periódicos brasileiros de 1990 a 2004. Aceite em 18/08/2006 para publicação na Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação.

3.3 Artigo Submetido

- O conhecimento científico e a odontologia: os (des)caminhos de uma formação (bio)ética. Submetido para publicação em dezembro de 2006.

3.1 Artigo Publicado

A construção do conhecimento na odontologia: a produção científica em debate¹

The construction of knowledge in odontology: the scientific production in debate

Karla Patrícia Cardoso Amorim², Maria do Socorro Costa Feitosa Alves³, Raimunda Medeiros Germano⁴

1. Pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
2. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde – UFRN e Mestre em Odontologia Social – UFRN
3. Doutora em Odontologia Preventiva e Social – FOP-UPE e Professora Adjunto do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde da UFRN
4. Doutora em Educação pela UNICAMP e Professora Adjunto e Vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Enfermagem – UFRN.

RESUMO

OBJETIVO: Analisar, quantitativamente, que revistas odontológicas estão sendo consultadas e lidas por cirurgiões-dentistas, e avaliar os perfis das mais citadas. **MÉTODOS:** Foram realizadas 370 pesquisas de opinião, durante o XVII Congresso Pernambucano de Odontologia e o IX Congresso de Odontologia do Rio Grande do Norte, realizados, respectivamente, em abril e setembro de 2004. Os participantes eram profissionais voluntários divididos entre a clínica geral (37,84%) e dez especialidades distintas (62,16%), onde 77,02% possuíam até 10 anos de formados. **RESULTADOS:** Proveniente das pesquisas realizadas, 620 citações foram geradas, nas quais, 32 revistas diferentes, nacionais e internacionais, foram citadas. Analisando os dados coletados, observamos que três revistas totalizaram mais da metade das citações (52,74%), quais sejam: Revista da Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas (APCD), Revista da Associação Brasileira de Odontologia (ABO Nacional) e a Revista Brasileira de Odontologia (RBO). **CONCLUSÃO:** Apesar de os participantes da pesquisa serem, na maioria, especialistas, observamos uma tendência de maiores consultas às revistas de caráter geral. Estas revistas abordam predominantemente assuntos clínicos e técnicos e apresentam tiragem expressiva, grande penetração no meio odontológico, fácil acessibilidade e muito tempo de mercado (duas delas com mais de 50 anos). Pela avaliação da CAPES/QUALIS, todas possuem conceito B nacional. Dessa forma, faz-se necessário um aprofundamento deste estudo, a fim de analisarmos qualitativamente que tipo de assuntos e temáticas essas revistas abordam, uma vez que influenciam na formação e prática odontológicas.

Descritores: Revistas científicas. Revistas odontológicas. Avaliação das revistas odontológicas.

ABSTRACT

OBJECTIVE: Analyze, quantitatively, which dentistry magazines are being consulted and read by surgeon-dentists, and evaluate the profiles of the mostly cited. **METHODS:** 370 polls were made, during the XVII Congresso Pernambucano de Odontologia (Pernambucan Congress of Odontology) and the IX Congresso de Odontologia do Rio Grande do Norte (Congress of Odontology of Rio Grande do Norte), which took place, respectively, in April and September 2004. The participants were volunteering professionals divided among General Practice (37.84%) and ten differing specialties (62.16%), of which 77,02% had up to ten years of graduation. **RESULTS:** Resulting the researches made, 620 quotes were generated, in which, 32 different magazines, national and international, were quoted. By analyzing the data collected, we observe that three magazines summed more than half of the quota (52.74%), which are: Revista da Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas (APCP - Magazine of the Paulista Association of Surgeon-Dentists), Revista da Associação Brasileira de Odontologia (ABO National) magazine of the Brazilian Association of Odontology and the Revista Brasileira de Odontologia (RBO - Brazilian Magazine of Odontology). **CONCLUSION:** Despite the participants of the research being, in their majority, specialists, we observe a tendency of a greater consultation of the magazines of general characteristic. These magazines predominantly tackle clinical and technical subjects and present an expressive circulation, great penetration in the

odontologic world, easy accessibility and a long time in the market (two of them are over 50 years-old). According to CAPES/QUALIS, all possess a B national concept. Therefore, it is necessary a deepening of this study, so as to analyze qualitatively what kind of subjects and themes these magazines touch, since they influence the odontologic formation and practice.

Key words: Scientific magazines. Odontology magazines. Evaluation of the odontology magazines.

INTRODUÇÃO

A forma como o saber é construído e divulgado é de suma importância, uma vez que irá influenciar e nortear os pensamentos, reflexões e as atitudes, moldando os fazeres em todos os campos do conhecimento.

As revistas são formas dinâmicas de divulgar o conhecimento. Refletindo, criticamente, observamos que as revistas científicas na área da odontologia, bem como nas demais áreas do saber, não têm apenas o propósito de estabelecer um elo de comunicação entre pesquisadores, profissionais e estudantes de odontologia. Elas servem de depositárias das concepções que plasmas, moldam e dão existência à odontologia nacional e à ciência.

Atualmente, são publicadas mais de 600 mil revistas científicas em todo o mundo,¹ estimando-se que sejam escritos, diariamente, entre seis e sete mil artigos científicos para alimentá-las.²

A importância de se pesquisar sobre as revistas científicas é fortalecida pelo pensamento de Laville e Dionne, quando afirmam que é nelas que se vê melhor e mais rapidamente a ciência que se faz, e a comunidade pode avaliar a justa medida da pesquisa, pois o pesquisador precisa dizer o essencial, e com concisão, pois as páginas são limitadas.³

Uma pesquisa sobre o tempo de vida das revistas nacionais, na área de odontologia, aponta que são poucas as revistas que podem ser consideradas sólidas e tradicionais.⁴

Devido a esses fatores, o presente estudo tem como objetivo analisar, quantitativamente, que revistas odontológicas estão sendo lidas e/ou consultadas por cirurgiões-dentistas, e avaliar os perfis das mais apontadas.

Pesquisas a respeito desse assunto e temática são escassas na área odontológica; assim sendo, o presente estudo irá contribuir para que se repense sobre a importância que os periódicos desempenham no contexto atual da ciência e da vida.

MÉTODOS

A presente pesquisa tem caráter exploratório descritivo, dentro de uma abordagem quantitativa.

Foram realizadas 370 pesquisas de opinião, com o intuito de apreender que revistas os cirurgiões-dentistas estão utilizando como fonte de conhecimento, a fim de avaliar os perfis das mais apontadas.

Esses dados foram coletados durante dois eventos realizados pela Associação Brasileira de Odontologia (ABO), no ano de 2004: o XVII Congresso Pernambucano de Odontologia, realizado em Recife no mês de abril, e o IX Congresso de Odontologia do Rio Grande do Norte, realizado em Natal, no mês de setembro. Essa coleta se deu em locais de grande circulação nos referidos eventos.

Os participantes, respondentes da pesquisa, foram escolhidos de maneira aleatória e voluntária, após explicação dos objetivos do estudo. Ao final, totalizaram uma amostra de 370 profissionais. A única condição exigida, para serem incluídos na pesquisa, era que fossem cirurgiões-dentistas formados. A estes, foi feita a seguinte pergunta por escrito: Qual(is) a(s) revista(s) na área odontológica que você mais lê e/ou consulta? Os respondentes podiam citar quantas revistas quisessem.

Na ficha de resposta também incluímos a especialidade e tempo de formado, a fim de fazermos uma breve caracterização dos respondentes.

RESULTADOS

Foram obtidas 620 citações, a partir das pesquisas realizadas com os 370 cirurgiões-dentistas. Destes, 140 eram clínicos gerais (37,84%), e 230 especialistas (62,16%) de dez especialidades distintas, quais sejam: endodontistas (44), ortodontista (38), protésistas (40), odontopediatras (30), especialistas em dentística (29), cirurgiões buço-maxilofaciais (25), estomatologistas (9), implantodontistas (5), periodontistas (8), radiologistas (2). Vale ressaltar que 77,02 desses cirurgiões-dentistas possuíam até 10 anos de formados; no entanto, também participaram profissionais com até 35 anos de profissão.

Proveniente das 620 citações, foram evocados os nomes de 32 revistas diferentes, tanto nacionais como internacionais, estas em proporção menor, conforme tabela abaixo, por ordem decrescente de vezes citadas:

Tabela 1 – Resultados da pesquisa de opinião sobre as revistas odontológicas mais lidas

REVISTAS CITADAS	Nº	%
Rev da Assoc Paulista de Cirurgiões-dentistas – APCD	182	29,35
Rev ABO nacional	97	15,64
Rev Brasileira de Odontologia – RBO	48	7,74
Jornal Brasileiro de Endodontia – JBE	35	5,64
The Journal of the American Dental Association – JADA	21	3,40
Jornal Brasileiro de Ortodontia e Ortopedia Facial	21	3,40
Jornal Brasileiro de Clínica Integrada - JBC	20	3,22
Rev Ibero-Americana de Estética e Dentística – JBD	18	2,90
Rev Prótese Clínica e Laboratorial - PCL	18	2,90
Dental Press Ortodontia	18	2,90
Pesquisa Odontológica Brasileira – POB	17	2,74
Rev da Pós-Graduação da FOU SP - RPG	17	2,74
Rev Internacional de Periodontia Clínica – RPE	13	2,10
Rev Ibero-Americana de Odontopediatria e Odontologia do Bebê	13	2,10
Revista Gaúcha de Odontologia – RGO	12	1,93
Revista de Odontologia da UNESP	09	1,45
Brazilian Endodontic Journal	08	1,30
Rev Brasileira de Cirurgia e Implantodontia – BCI	07	1,12
Brazilian Dental Journal	07	1,12
Brazilian Oral Research	06	0,97
Rev Internacional de Cirurgia e Traumatologia Bucocomaxilofacial	05	0,80
Quitessence Internacional	04	0,64
Oral Surgery, Oral Medicine, Oral Pathology	04	0,64
Revista Paulista de Ortodontia	03	0,50
Oral Oncology	03	0,50
Rev Brasileira de Implantodontia e Prótese sobre Implante – RBP	03	0,50
Oral Diseases	02	0,32
Journal of Orofacial Pain	02	0,32
Odonto Ciência	02	0,32
Journal of Prothetic Dentistry	02	0,32
Rev da Associação Brasileira de Radiologia Odontológica – ABRO	02	0,32
Journal of Orthodontics	01	0,16
TOTAL	620	100

DISCUSSÃO

Diante dos resultados, observamos que as três revistas mais citadas representam mais da metade das respostas, ou seja, menos de 10% das revistas evocadas contabilizam 52,74% das citações. Tais resultados, de uma certa forma, estão de acordo com os descritos por King e Tenopir, quando afirmam que poucas revistas são consultadas com grande frequência, e muitas revistas são lidas poucas vezes.⁵

A questão da acessibilidade aos periódicos é um fator de peso. A Revista APCD e a Revista ABO nacional, as duas mais citadas, trabalham esse fator de uma forma positiva. A primeira é remetida gratuitamente aos associados da Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas, que totalizam mais de 36.000; a segunda é disponibilizada gratuitamente aos associados da Associação Brasileira de Odontologia Nacional – suas 27 Seções estaduais e 288 regionais.

Esse aspecto também é abordado por King e Tenopir, quando ressaltam que os cientistas fazem as suas escolhas em relação à assinatura e compra de periódicos segundo a lógica de mercado. Assinam revistas de preços baixos, que lêem com frequência, e consultam bibliotecas para ter acesso a revistas caras que lêem ocasionalmente.⁵

As três revistas mais citadas possuem caráter geral, ou seja, atingem do clínico geral ao especialista. É importante frisar, que ela abordam, predominantemente, assuntos e temáticas de âmbito clínico e técnico; e, como bem sabemos, o perfil da odontologia brasileira ainda é marcado pela ênfase ao biológico e técnico/restaurador. Perfil este que, de uma certa forma, se comprova pelas respostas obtidas, uma vez que os participantes não citaram nenhuma revista na

área da saúde coletiva e áreas afins, ou seja, áreas que produzem conhecimentos que alimentam o debate sobre grandes questões conceituais e teóricas fundamentais, fortalecendo abordagens que compreendem a saúde como componente relevante da vida e da organização da sociedade.⁶

Analisando o tempo de existência das três primeiras revistas, desde a primeira publicação, observamos que se tratam de periódicos com um certo tempo de circulação: revista APCD – 58 anos, revista da ABO nacional – 12 anos, e a RBO – 62 anos. Dentro do contexto odontológico, esse fator tem grande importância, visto que existe uma tendência das revistas odontológicas não durarem muito, como bem ressalta Madeira e Carvalho. Estes autores relatam um percentual de interrupção de 73,25% dos títulos já editados na área de odontologia até o ano de 1988. Essa questão interfere na credibilidade da revista.⁴

A questão da credibilidade é sentida, ao analisarmos pesquisas a respeito de revistas odontológicas. São poucas as pesquisas da área que versam sobre tal assunto; no entanto, das que abordam, grande parte incluem a Revista APCD e a RBO. Louro Filho (1982) utilizou no trabalho *Avaliação e Perspectivas 1982 – Odontologia*, realizado a pedido do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), uma amostra contendo nove periódicos odontológicos brasileiros, dentre os quais faziam parte a APCD e a RBO.⁷

Narvai, em sua tese de doutorado sobre a produção científica na área da odontologia preventiva e social, utilizou 19 revistas, onde novamente fizeram parte as duas revistas citadas.⁸ O trabalho sobre a vida das revistas odontológicas, referido anteriormente, também as citam.⁴

Com relação à tiragem, vemos que tanto a revista APCD, como a ABO

nacional têm uma grande tiragem, correspondendo, respectivamente, a 43.000 e 30.000 exemplares. Já a RBO possui um número menor, 7.000 exemplares.

Fazendo uma relação da tiragem versus periodicidade das revistas em questão, vemos que as três são publicações bimestrais, com periodicidade regular. Dessa forma, concluímos que possuem um grande poder de penetração, principalmente as duas primeiras, visto que, em média, circulam, anualmente, 258.000 exemplares da APCD e 180.000 exemplares da ABO nacional.

O fato de as revistas APCD, ABO nacional e RBO estarem classificadas com conceito B nacional, pela avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/QUALIS), não as impediu de serem as mais citadas, ou seja, as mais lidas e/ou consultadas pelos dentistas. Grande parte das revistas odontológicas não preenchem os critérios de impacto, da competitividade e da internacionalidade, tão difundidos atualmente no mundo científico.⁹ Esses aspectos colocam algumas questões de difícil equacionamento, tais como os critérios utilizados pelas bases de dados, a língua na qual os trabalhos são produzidos, a concentração de conhecimentos em nações economicamente mais desenvolvidas. Tais questionamentos se potencializam, se considerarmos o caso de nações periféricas, como é o caso do Brasil.¹⁰

No entanto, sabemos que critérios de avaliação têm que existir e são de extrema importância, porém, como ressalta Amorim, o assunto é complexo, e os critérios muito vagos.¹¹

A questão levantada, com os resultados da presente pesquisa, é que tais critérios de avaliação dos periódicos parecem influenciar mais diretamente os pesquisadores que os leitores, revelando, dessa forma, que outros fatores influem

na escolha das leituras realizadas pelos cirurgiões-dentistas.

CONCLUSÃO

Apesar de os participantes da pesquisa serem, na maioria, especialistas, observamos uma tendência de maiores consultas e leituras das revistas de caráter geral, revistas estas que abordam, predominantemente, assuntos clínicos e técnicos.

As revistas mais reportadas apresentam tiragem expressiva, grande penetração no meio odontológico, fácil acessibilidade e muito tempo de mercado (duas delas com mais de 50 anos). Pelo programa de avaliação da CAPES (QUALIS), todas possuem conceito B nacional.

Dessa forma, faz-se necessário um aprofundamento desse estudo, a fim de analisarmos qualitativamente que tipo de assuntos e temáticas essas revistas abordam, uma vez que influenciam a formação e a prática odontológicas.

REFERÊNCIAS

1. Biojone M R. Forma e função dos periódicos científicos na comunicação da ciência [Dissertação - MestradoDoutorado]. Universidade de São Paulo – Escola de Comunicação e Artes; 2001.
2. Trzesniak P A. Concepção e a construção da revista científica. In: Curso de Editoração Científica. Petrópolis: ABEC; 2001. p.17-23
3. Laville C, Dionne J. A construção do Saber – Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Editora UFMG; 1999.
4. Madeira M C, Carvalho M A. Tempo de vida das revistas nacionais de odontologia. RGO 1988;4:301-306.
5. King D W, Tenopir C. A publicação de revistas eletrônicas: economia da produção, distribuição e uso. Ciência da. Informação. 1998;2:176-182.
6. Barreto M L. O conhecimento científico e tecnológico como evidência para políticas e atividades regulatórias em saúde. Ciência e Saúde Coletiva. 2004;2:329-338.
7. Louro Filho P P. Odontologia. In: SEPLAN. CNPq. Avaliação e perspectivas. Ciências da Saúde Vol. VI; 1982. p.437-493.
8. Narvai P C. Produção científica na área de odontologia preventiva social. BRASIL, 1986-1993 [Tese - Doutorado]. Universidade de São Paulo – Faculdade de Saúde Pública; 1997.
9. Foratini O P. A internacionalidade da ciência. Rev Saúde Publica. 1997;2:115.
10. Yamamoto O H, Souza C C, Yamamoto M E. A produção científica na psicologia: uma análise dos periódicos brasileiros no período de 1990-1997. Psicol. Reflex Crit. 1999;2.
11. Amorim R F B. Avaliação dos periódicos científicos: uma necessidade da pesquisa científica brasileira. Rev Brasileira de Patologia Oral 2003;4: entrevista.

3.2 Artigo Aceito para Publicação

A construção do saber em odontologia: a produção científica de três periódicos brasileiros de 1990 a 2004*

The construction of knowledge in dentistry: the scientific production of three Brazilian magazines of 1990 to 2004

La construcción del saber en odontología: la producción científica de tres revistas brasileras de 1990 a 2004

Karla Patrícia Cardoso Amorim¹, Maria do Socorro Costa Feitosa Alves², Raimunda Medeiros Germano³, Iris do Céu Clara Costa⁴

*Pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – Nível doutorado.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – UFRN e Mestre em Odontologia Social – UFRN. karlamorim@bol.com.br ; amorimkarla@yahoo.com.br

² Doutora em Odontologia Preventiva e Social – FOP/UPE e Professora Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UFRN.

³ Doutora em Educação - UNICAMP, Professora Adjunto do Dep. de Enfermagem e Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – UFRN.

⁴ Doutora em Odontologia Preventiva e Social – UNESP e Professora Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UFRN.

¹ Rua Ataulfo Alves, 1877 – Cond. Dom Vicente, Bl. D, aptº 202

Bairro: Candelária.

Natal – RN

CEP: 59064-570

A construção do saber em odontologia: a produção científica de três periódicos brasileiros de 1990 a 2004

Este estudo objetiva realizar uma análise das temáticas abordadas por três revistas odontológicas brasileiras, durante o período de 1990 a 2004. Partimos do pressuposto que estas têm um papel importante na formação profissional, pois são meios dinâmicos de divulgação do saber e, desta forma, irão influenciar e nortear os pensamentos, as reflexões e as atitudes, moldando o fazer odontológico. Articulamos uma abordagem quantitativa, estudando 2806 artigos. A análise do material empírico revela que temáticas e assuntos diversos foram objeto das publicações; no entanto, alguns predominaram, enquanto outros apareceram de forma menos expressiva. As cinco temáticas mais abordadas referem-se às disciplinas técnicas e profissionalizantes, atingindo 52,73% das publicações. Dentre as conclusões, apontamos, ainda, que esta pesquisa visa a contribuir para a compreensão do processo de produção de conhecimento, subsidiando a reflexão e estudos posteriores e também funcionando como parâmetro para o acompanhamento do pensar odontológico.

Palavras-chave: revistas científicas, publicações, odontologia, conhecimento científico

This paper aims to accomplish an analysis of the thematic approached by three dentistry Brazilian magazines, during the period of 1990 to 2004. We start from the presupposed that these magazines play an important role in the professional formation, for they are dynamic means of divulgation of knowledge and, thus, they are going to influence and guide the thoughts, the reflections and the attitudes, molding the dentistry practice. We have articulated a quantitative approach, studying 2806 articles. The analysis of the empiric material tells us that different thematic and subjects have been published; therefore, some of them have predominated, while others have appeared more discretely. The five thematic that have been more often approached refer to the technical and professionalizing subjects, reaching 52,73% of the publications. Amongst the conclusions, we point out that this research aims to contribute to the understanding of the knowledge construction process, granting reflection and after studies and also working as a parameter to follow the dentistry thinking.

Key Words: scientific magazines, publications, dentistry, scientific knowledge

Este estudio propone realizar análisis de las temáticas abordadas por tres revistas odontológicas brasileras, durante el período de 1990 a 2004. Partimos del presupuesto que estas poseen un papel importante en la formación profesional, pues son medios dinámicos de divulgación del saber y, de esta manera, influenciarán y nortearán los pensamientos, las reflexiones y las actitudes, modelando el hacer odontológico. Articulamos un punto de vista cuantitativo, por medio del estudio de 2806 artículos. El análisis del material empírico revela que temáticas y asuntos diversos han sido objeto de las publicaciones; entretanto, algunos han predominado, mientras otros han aparecido de manera menos expresiva. Las cinco temáticas más abordadas se refieren a las asignaturas técnicas

y profesionales, alcanzando 52,73% de las publicaciones. Entre las conclusiones, apuntamos, aún, que esta averiguación propone contribuir a la comprensión del proceso de producción del conocimiento, auxiliando a la reflexión y estudios posteriores y también funcionando como parámetro para acompañar el pensamiento odontológico.

Palabras clave: revistas científicas, publicaciones, odontología, conocimiento científico

INTRODUÇÃO

Os arqueólogos têm afirmado que a arte de escrever tem seu início em meados do quarto milênio a.C., arte que mudaria para sempre a natureza da comunicação entre os seres humanos.

Manguel (1997, p.206) reflete sobre a magia da escrita, quando nos fala que desde os primeiros vestígios da civilização pré-histórica, a sociedade humana tinha tentado superar os obstáculos da geografia, o caráter final da morte, a erosão do esquecimento; e com um único ato – a incisão de uma figura sobre uma tabuleta de argila –, o primeiro escritor anônimo conseguiu de repente ter sucesso em todas essas façanhas aparentemente impossíveis.

Mas escrever não foi o único invento que nasceu no instante daquela primeira incisão, como destaca o autor (1997, p.207), uma outra criação aconteceu no mesmo momento: a leitura.

Escrever e ler foram rapidamente reconhecidas como habilidades poderosas. No mundo científico moderno, onde observamos um aumento no número de pesquisas, as revistas científicas desempenham um papel importante, pois são maneiras dinâmicas de divulgar o conhecimento que é produzido.

Os títulos têm a responsabilidade de documentar, para a posteridade, cada degrau vencido em prol da evolução do conhecimento e disponibilizar, para a comunidade interessada, os detalhes de cada feito nos laboratórios ou em campo (Andrade, 2004, p.263).

Laville e Dionne (1999, p.247) afirmam que é nas revistas científicas que se vê melhor e mais rapidamente a ciência que se faz; é nelas que a comunidade pode

avaliar a justa medida da pesquisa, pois o pesquisador precisa dizer o essencial, e com concisão, pois as páginas são limitadas.

Atualmente, são publicadas mais de 600 mil revistas científicas em todo o mundo (Biojone, 2001), estimando-se que sejam escritos, diariamente, entre seis e sete mil artigos científicos para alimentá-las (Trzesniak, 2001).

De fato, a produção científica odontológica cresceu exponencialmente nos últimos anos. Cury (2004) afirma que entre 2001 e 2003 houve mais publicações científicas do que durante todo o século XX.

O fato é que revistas são lidas. O Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas (INBRAPE) realizou uma pesquisa, no ano de 2003, sobre o perfil do cirurgião-dentista, solicitada por diversas entidades odontológicas, dentre elas o Conselho Federal de Odontologia (CFO) e a Associação Brasileira de Odontologia (ABO). O resultado indicou que 81,3% dos cirurgiões-dentistas declaram ler com frequência algum periódico científico odontológico.

Refletindo, criticamente, observamos que a revista não tem apenas o propósito principal de estabelecer um elo de comunicação entre os profissionais e estudantes de odontologia; serve de depositária das concepções que vão plasmando, moldando e dando existência à odontologia nacional.

Dessa forma, indagamos: qual o conhecimento que vem sendo produzido e publicado na odontologia? Sob a ótica deste questionamento, o presente estudo teve como objetivo realizar uma análise dos assuntos e temáticas abordados por três importantes revistas odontológicas durante o período de 1990 a 2004. Objetivo este fortalecido pelas reflexões de Canoletti e Soares (2005, p.115), quando

advertem que a análise da bibliografia pode contribuir com a avaliação dos rumos que a prática vem tomando, ao mesmo tempo em que pode favorecer a crítica e a formulação de novos projetos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com caráter exploratório descritivo, dentro de uma abordagem quantitativa.

Do conjunto de revistas especializadas em odontologia, e publicadas no Brasil, selecionamos três, quais sejam: a Revista da Associação Brasileira de Odontologia (ABO Nacional), a Revista da Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas (APCD) e a Revista Brasileira de Odontologia (RBO) publicada pela ABO/Seção RJ.

A escolha destas três revistas justifica-se pelo fato de todas serem de caráter geral, ou seja, atingirem um grande público, indo do clínico ao especialista e, assim, expressarem, de uma forma mais integral, a produção em odontologia. Além da grande tiragem, elas têm circulação nacional regular, reconhecida credibilidade e penetração no meio odontológico.

Um *survey* realizado por Amorim et al (2005, p.12), com o objetivo de analisar, quantitativamente, quais revistas odontológicas estão sendo consultadas e lidas por cirurgiões-dentistas, aponta essas três revistas como as mais citadas.

A pesquisa do INBRAPE sobre o perfil do cirurgião-dentista, há pouco referenciada, observou que dos periódicos científicos mais citados, por esse profissional, a APCD, a ABO Nacional e RBO ocuparam, respectivamente, o primeiro (46,5%), o quarto (9,6%) e o sétimo lugar (4,2%).

Assim sendo, essas pesquisas confirmam a potencialidade das revistas escolhidas para serem objeto do nosso estudo.

É oportuno registrarmos, que as três revistas estudadas estão classificadas pelo Qualis da fundação CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) com o conceito B nacional. Com tais conceitos, esses periódicos não preenchem todos os critérios de impacto, de competitividade e de internacionalidade tão difundidos, atualmente, no mundo científico (Foratini, 1997). Mesmo assim, esta situação não as impediu de estarem como uma das mais citadas pelos cirurgiões-dentistas, nas pesquisas referenciadas anteriormente.

Trabalhamos dentro de um recorte temporal de 15 anos, no período compreendido entre 1990 a 2004. Como a Revista ABO Nacional teve a sua criação no ano de 1993, dessa forma, a estudamos integralmente.

O material empírico, no total, foi formado por 246 exemplares, somando-se as três revistas. Foram estudados 90 exemplares da Revista APCD, visto que durante todo o período analisado esta teve sua publicação bimestral regular. Da revista RBO, foram 87 exemplares, pois esta teve publicação bimestral do ano de 1990 até o último número de 2003. A partir de janeiro de 2004, esta revista passou a ser editada como trimestral, sendo que os números 3 e 4 saíram juntos, em um único exemplar. A Revista ABO Nacional também é bimestral e contribuiu com 69 exemplares, visto que no ano de sua criação (1993) foram editados apenas 3 números.

De posse de cada exemplar, este era verificado e analisado por completo, fazendo parte do material empírico vários tipos de textos: artigos científicos, casos clínicos, trabalhos de revisão de literatura, matérias jornalísticas, entrevistas e

artigos de opiniões. No entanto, para efeito da pesquisa, nomeamos todos eles como artigos. O nosso objetivo era verificar as temáticas abordadas, não nos interessando o tipo da publicação. Os editoriais não fizeram parte da pesquisa, haja vista que um único texto, muitas vezes, versava sobre áreas e assuntos diversos, ficando difícil classificá-lo em apenas uma categoria.

Cada artigo foi classificado por assunto, classificação esta feita através do título e das palavras-chave. Quando surgia dúvida, realizávamos uma leitura “flutuante” do resumo e/ou do corpo do texto; esta etapa é o que Gil (1995, p.85) nomeia de leitura exploratória numa pesquisa bibliográfica.

Muitos assuntos foram objetos de publicação; e, dessa forma, para fim de análise do material empírico, foram estabelecidas 25 categorias temáticas que emergiram do próprio material (tabela 1). Convém ressaltar, que tal categorização foi submetida à apreciação e validação de duas especialistas na área, que propuseram algumas modificações, as quais foram incorporadas. Esses dados foram trabalhados no *Microsoft Excel 2001*.

Os registros foram anotados em três tabelas, uma para cada revista. Nelas, assinalávamos quantitativamente os assuntos à medida que iam surgindo. Onde, nas linhas, estavam dispostos os quantitativos de cada assunto abordado pelas revistas durante o recorte temporal analisado, e, nas colunas, o quantitativo geral de todos os assuntos disponibilizados nas revistas durante cada ano de análise, conforme tabelas 2, 3 e 4.

Apesar de a maioria das categorias temáticas terem sido nomeadas de acordo com os assuntos que foram nelas inseridos, é oportuno o detalhamento sobre algumas delas. Sobre *Disciplinas Básicas*, foi construída, inserindo-se os

conhecimentos de anatomia, biologia, fisiologia e microbiologia. Sobre *Ensino/Formação*, além deste tema em si, incluímos os textos que tratavam de publicações e pesquisas. A bioética foi incluída em *Ética/Odontologia Legal*. Em *Estomatologia/Patologia* também se encontram assuntos relativos à semiologia e diagnóstico. As emergências médicas fazem parte da categoria *Farmacologia/Terapêutica*; bem como informática e laser integram a categoria *Novas Tecnologias*. Em *Odontologia do Trabalho*, incorporamos assuntos referentes à ergonomia, e em *Odontopediatria*, aqueles referentes à odontologia para bebês. Em *Outras Áreas*, classificamos assuntos pertinentes à astrologia, psicologia, fonoaudiologia, biologia molecular, hipnose, administração, marketing e política da qualidade. Temas como: pessoal auxiliar em odontologia, congresso e eventos, odontologia molecular, odontologia veterinária, odontologia ortomolecular e odontologia desportiva foram inseridos na categoria *Profissão*, além de artigos que tratavam de uma forma bem direta sobre a mesma. As partes de reabilitação oral e prótese bucomaxilofacial foram incluídas em *Prótese/Materiais Dentários*. Em *Saúde Geral*, assuntos como tabagismo, diabetes e AIDS. Por fim, devemos ressaltar que, na catalogação dos assuntos abordados pela revista ABO Nacional, emergiu a categoria *Política/Cidadania/Economia*, que tratava dessas áreas, de uma maneira ampla e sem uma conexão direta com a área odontológica. Dessa forma, resolvemos classificá-las separadamente e não incluí-las na categoria *Outras Áreas*.

RESULTADOS

Dos 246 exemplares analisados, 2806 artigos foram classificados e compuseram o material empírico; destes, 808 foram da Revista ABO Nacional, 856 da APCD, e 1142 da RBO. Após a classificação e catalogação de todos os artigos, temos como resultado final os dados expressos nas tabelas 1, 2, 3 e 4.

Tabela 1- Categorias temáticas abordadas pelas revistas, no período de 1990-2004, em ordem decrescente e expressas em percentuais

CATEGORIAS TEMÁTICAS	REVISTAS			
	ABO	APCD	RBO	Total%
Dentística/Materiais Dentários	11,63	10,75	17,86	13,41
Saúde Coletiva/Odontologia Preventiva	17,82	8,06	7,88	11,25
Endodontia	6,93	8,65	18,13	11,24
Estomatologia/Patologia	9,78	9,81	7,27	8,95
Prótese/Materiais Dentários	4,58	10,86	8,23	7,89
Periodontia	2,72	7,94	6,57	5,74
Profissão	11,88	2,45	1,84	5,39
Cirurgia/Traumatologia	2,60	8,06	3,50	4,72
Odontopediatria	3,71	5,14	4,73	4,53
Ortodontia/Ortopedia dos Maxilares	1,73	4,44	4,73	3,63
Farmacologia/Terapêutica	2,10	3,16	2,89	2,72
Outras Áreas	7,05	0,58	0,53	2,72
Radiologia/Imaginologia	0,87	4,79	2,28	2,65
DTM/ATM/Oclusão/Dor orofacial	1,61	3,16	2,01	2,26
Ensino/Formação/Pesquisa	3,10	1,17	2,45	2,24
Implantodontia	0,99	2,22	2,80	2,00
Ética/Odontologia Legal	2,23	2,10	1,49	1,94
Biossegurança	1,73	2,10	1,57	1,80
Novas Tecnologias	1,73	1,05	0,61	1,13
Saúde Geral	0,99	1,29	0,44	0,91
Odontologia do Trabalho	0,87	0,82	0,96	0,88
Política/Cidadania/Economia	2,35	-	-	0,78
Pacientes com Necessidades Especiais	0,50	0,70	0,53	0,58
Odontogeriatrics	0,25	0,35	0,44	0,35
Disciplinas Básicas	0,25	0,35	0,26	0,29
Total%	100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela 2 – Categorias temáticas abordadas pela Revista ABO Nacional, em ordem decrescente, durante 1990-2004

ABO/CATEGORIAS TEMÁTICAS	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	Total	%
Saúde Coletiva/Odontologia Preventiva	8	32	6	8	12	19	11	8	12	5	10	13	144	17,82
Profissão	4	9	6	6	7	12	7	6	5	14	12	8	96	11,88
Dentística/Materiais Dentários	1	8	11	7	4	11	8	7	8	10	12	7	94	11,63
Estomatologia/Patologia	5	6	7	8	6	4	9	6	6	8	4	10	79	9,78
Outras Áreas	2	5	9	6	9	6	3	1	2	9	3	2	57	7,05
Endodontia	2	5	6	6	7	2	5	4	9	3	2	5	56	6,93
Prótese/Materiais Dentários	2	6	2	2	4	2	2	2	5	4	4	2	37	4,58
Odontopediatria	1	3	-	2	2	3	1	4	5	4	1	4	30	3,71
Ensino/Formação	1	3	5	4	1	-	1	1	-	1	-	8	25	3,10
Periodontia	-	3	2	1	1	2	4	4	-	3	1	1	22	2,72
Cirurgia/Traumatologia	1	1	2	2	2	3	2	2	-	4	1	1	21	2,60
Política/Economia/Cidadania	-	2	3	3	4	-	1	-	1	2	3	-	19	2,35
Ética/Odontologia Legal	-	1	1	1	2	1	2	3	1	1	1	4	18	2,23
Farmacologia/Terapêutica	1	1	-	1	-	-	3	-	-	3	5	3	17	2,10
Biossegurança	1	-	1	1	3	-	-	2	-	1	3	2	14	1,73
Novas Tecnologias	1	1	2	1	3	-	3	1	-	-	2	-	14	1,73
Ortodontia/Ortopedia dos Maxilares	1	2	2	2	2	1	2	-	1	-	1	-	14	1,73
DTM/ATM/Oclusão/Dor orofacial	-	1	-	3	2	1	-	1	1	3	1	-	13	1,61
Implantodontia	-	1	1	1	3	-	-	-	-	2	-	-	8	0,99
Saúde Geral	-	-	2	-	2	2	-	1	-	-	1	-	8	0,99
Radiologia/Imaginologia	1	2	1	-	-	-	-	-	-	-	1	2	7	0,87
Odontologia do Trabalho	-	-	-	2	-	-	1	1	-	-	3	-	7	0,87
Pacientes com Necessidades Especiais	-	-	1	1	-	-	1	-	-	-	-	1	4	0,50
Disciplinas Básicas	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	2	0,25
Odontogeriatría	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	2	0,25
Total	33	92	70	69	76	69	66	54	57	77	72	73	808	100

Tabela 3 - Categorias temáticas abordadas pela Revista APCD, em ordem decrescente, durante 1990-2004

APCD/CATEGORIAS TEMÁTICAS	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	Total	%
Prótese/Materiais Dentários	7	3	2	3	1	9	8	5	8	5	5	10	12	7	8	93	10,86
Dentística/Materiais Dentários	6	8	4	3	4	5	7	6	8	6	4	5	4	12	10	92	10,75
Estomatologia/Patologia	6	4	4	3	3	4	3	8	2	7	7	6	9	10	8	84	9,81
Endodontia	4	1	3	2	4	5	6	7	5	10	6	4	4	7	6	74	8,65
Cirurgia/Traumatologia	7	4	2	2	3	2	5	7	8	5	3	3	4	7	7	69	8,06
Saúde Coletiva/Odontologia Preventiva	7	9	7	4	2	1	5	4	1	5	5	2	5	4	8	69	8,06
Periodontia	3	6	2	2	9	2	4	4	5	4	4	5	5	5	8	68	7,94
Odontopediatria	4	-	2	2	3	4	2	3	2	4	1	5	2	7	3	44	5,14
Radiologia/Imaginologia	3	2	-	2	1	1	4	-	1	3	4	6	4	6	4	41	4,79
Ortodontia/Ortopedia dos Maxilares	-	-	1	-	3	2	3	6	4	1	4	4	6	1	3	38	4,44
DTM/ATM/Oclusão/Dor orofacial	-	4	2	1	-	1	2	2	4	1	3	1	2	2	2	27	3,16
Farmacologia/Terapêutica	-	-	1	1	1	-	-	-	4	1	4	3	2	4	6	27	3,16
Profissão	-	-	1	-	1	3	1	3	3	1	2	2	-	2	2	21	2,45
Implantodontia	-	1	-	2	1	1	-	1	1	1	2	2	3	3	1	19	2,22
Biossegurança	2	3	1	1	-	3	-	-	-	5	3	-	-	-	-	18	2,10
Ética/Odontologia Legal	-	1	-	2	1	2	2	2	-	1	1	1	1	1	3	18	2,10
Saúde Geral	-	-	-	1	2	-	-	-	-	2	-	2	4	-	-	11	1,29
Ensino/Formação	-	-	1	1	-	1	2	2	-	-	1	-	-	1	1	10	1,17
Novas Tecnologias	-	1	-	1	-	-	1	1	1	-	1	-	1	2	-	9	1,05
Odontologia do Trabalho	-	-	-	-	2	-	-	1	-	2	-	-	1	-	1	7	0,82
Pacientes com Necessidades Especiais	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	1	1	-	2	6	0,70
Outras Áreas	-	-	1	-	-	1	-	-	1	-	-	-	1	-	1	5	0,58
Disciplinas Básicas	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	1	-	-	3	0,35
Odontogeriatría	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1	-	-	-	-	3	0,35
Política/Economia/Cidadania	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	49	47	34	33	41	47	57	65	58	65	61	62	72	81	84	856	100

Tabela 4 - Categorias temáticas abordadas pela Revista RBO, em ordem decrescente, durante 1990-2004

RBO/CATEGORIAS TEMÁTICAS	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	Total	%
Endodontia	9	10	4	11	9	15	16	22	22	15	18	20	16	12	8	207	18,13
Dentística/Materiais Dentários	6	14	18	14	8	13	12	10	17	21	15	20	14	12	10	204	17,86
Prótese/Materiais Dentários	5	6	9	8	3	7	6	10	3	4	6	6	8	10	3	94	8,23
Saúde Coletiva/Odontologia Preventiva	5	4	5	7	5	7	6	8	5	4	8	10	7	4	5	90	7,88
Estomatologia/Patologia	2	8	4	5	-	7	8	2	3	3	7	6	11	11	6	83	7,27
Periodontia	4	2	3	3	3	4	8	5	8	3	4	4	8	11	5	75	6,57
Odontopediatria	1	1	2	4	6	6	4	2	4	2	4	7	6	3	2	54	4,73
Ortodontia/Ortopedia dos Maxilares	4	1	2	4	3	2	3	3	1	5	4	5	6	9	2	54	4,73
Cirurgia/Traumatologia	-	4	1	2	4	2	1	4	4	3	2	3	2	7	1	40	3,50
Farmacologia/Terapêutica	2	2	3	1	-	3	1	4	1	2	3	4	1	4	2	33	2,89
Implantodontia	-	1	-	1	-	-	3	3	-	2	4	3	5	8	2	32	2,80
Ensino/Formação	-	-	-	-	1	1	-	1	-	-	3	5	6	7	4	28	2,45
Radiologia/Imaginologia	-	1	1	-	-	-	2	2	1	3	2	4	3	4	3	26	2,28
DTM/ATM/Oclusão/Dor orofacial	4	1	2	2	2	-	-	-	2	-	2	2	4	-	2	23	2,01
Profissão	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	3	3	6	3	2	21	1,84
Biossegurança	1	1	3	-	3	1	1	-	1	1	-	2	1	2	1	18	1,57
Ética/Odontologia Legal	1	-	-	-	-	-	2	-	2	-	2	2	4	4	-	17	1,49
Odontologia do Trabalho	1	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	1	4	2	1	11	0,96
Novas Tecnologias	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	2	-	-	1	2	7	0,61
Outras Áreas	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	2	-	1	-	1	6	0,53
Pacientes com Necessidades Especiais	-	-	-	-	-	1	1	1	-	-	-	1	1	-	1	6	0,53
Odontogeriatría	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	2	-	5	0,44
Saúde Geral	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1	-	-	2	-	5	0,44
Disciplinas Básicas	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	3	0,26
Política/Economia/Cidadania	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	46	57	58	63	48	69	75	84	74	69	94	110	114	118	63	1142	100

Examinando as tabelas 2, 3 e 4, que registram os quantitativos gerais da produção científica de cada uma das revistas em separado, e, ao mesmo tempo, realizando um cruzamento das dez categorias temáticas mais citadas em todas as revistas temos:

- ABO Nacional X APCD: das dez categorias temáticas mais referenciadas, oito coincidem. As diferenças estão no fato de a ABO Nacional ter tratado mais sobre assuntos relativos às categorias *Profissão e Outras Áreas* enquanto a APCD, *Cirurgia/Traumatologia e Ortodontia/Ortopedia dos Maxilares*.
- ABO Nacional X RBO: das dez categorias, oito coincidem. As diferenças são bem parecidas em relação à APCD, ou seja, ao invés de *Profissão e Outras Áreas*, a RBO publicou mais sobre *Farmacologia/Terapêutica e Ortodontia/Ortopedia dos Maxilares*.
- APCD X RBO: temos nove coincidências dentre as dez categorias mais citadas. A divergência está no fato de a APCD ter falado mais de *Radiologia/Imaginologia*, enquanto a RBO, de *Farmacologia/Terapêutica*.

DISCUSSÃO

A técnica revela-se na ação dos profissionais. Desta forma, ela dá suporte à competência, como adverte Rios (2001, p.94). A autora chama a nossa atenção para o fato de a dimensão técnica ter seu significado empobrecido, quando esta é considerada desvinculada de outras dimensões (estética, ética e política). Assim,

criamos uma visão tecnicista, na qual se supervaloriza a técnica, ignorando sua inserção num contexto social e político.

De um certo modo, essa essência de pensamento está traduzida nas diretrizes curriculares dos cursos de odontologia, estabelecendo uma

“formação profissional generalista, humanista, crítica e reflexiva, para atuar em todos os níveis de atenção à saúde, com base no rigor técnico e científico. Capacitado ao exercício de atividades referentes à saúde bucal da população, pautado em princípios éticos, legais e na compreensão da realidades social, cultural e econômica do seu meio, dirigindo a atuação para a transformação da realidade em benefício da sociedade.” (Resolução CNE/CES 3/2002).

As revistas, objeto da nossa pesquisa, atuam divulgando o conhecimento odontológico. Podem, assim, contribuir para propagar o saber de uma forma mais aberta, dentro de uma abordagem complexa e integral da vida, tão urgente nos dias de hoje, como explicita Morin (2000), ou perpetuar a tendência atual dominante, onde o enfoque é centralizado no biológico e no técnico, produto da visão cartesiana e newtoniana, constituindo em paradigma do mundo ocidental. Os resultados, por ora revelados, mostram que o saber odontológico tende a percorrer mais o segundo caminho.

Analisando a tabela 1, observamos que, apesar de as revistas terem abordado diversos assuntos, existem alguns que estiveram mais presentes. Isto é claramente observado quando vemos que 52,73%, ou seja, mais da metade dos artigos analisados, estão inseridos nas cinco primeiras categorias temáticas, sendo estas, na maioria, de cunho técnico e biológico.

A preferência por determinadas áreas e por determinados assuntos é visível. Péret e Lima (2003, p.65) argumentam que a ótica mercantilista poderá estar reforçando o modelo tradicional, com ênfase no tecnicismo e no interesse privado, influenciando a pesquisa e a formação.

Dentro desta mesma linha de pensamento, Forattini (1996) adverte que ao continuar a atual tendência, o impacto do artigo científico cada vez mais será avaliado pelo cumprimento da finalidade tecnológica, a qual nem sempre é precipuamente direcionada para a melhoria da qualidade de vida. Ponthieu (1995) complementa este pensar, ao afirmar que se nota, cada vez mais, a característica comercial da tecnologia.

Sabemos que a maioria das pesquisas tem origem no ensino superior brasileiro. Paula e Bezerra (2003, p.10) afirmam que o ensino de odontologia está adaptado a um contexto baseado na aplicação técnica, refletindo a marcante presença da indústria de equipamentos e materiais odontológicos. Este modelo de ensino, voltado para o mercado de trabalho, centrado na formação técnica, depende do conhecimento externo e dificulta a criação e universalização de soluções adequadas à realidade social e tecnológica do país (Masetto, 1998).

Dessa maneira, os nossos resultados corroboram as afirmações desses autores, visto que as áreas de *Dentística/Materiais Dentários* e *Prótese/Materiais Dentários* estiveram presentes como temáticas em 21,30% dos artigos catalogados.

A reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Odontológica (SBPqO), em setembro de 2004, ofereceu amostra representativa da atual produção científica brasileira em odontologia, que é matéria-prima dos periódicos científicos do setor. Na SBPqO, os trabalhos são divididos por área. Segundo Andrade (2004, p.274), a área 5, que compreende as disciplinas de Materiais Dentários e Dentística, foi responsável pelo maior número de submissões.

O alto percentual de artigos distribuídos em poucas categorias também é observado quando analisamos cada revista em separado. Na ABO Nacional, as

quatro primeiras categorias somam 50,86% dos artigos publicados (tabela 2). A APCD apresenta 48,12 dos artigos distribuídos nas cinco categorias mais presentes (tabela 3). A RBO concentra em quatro categorias 52,10% dos artigos publicados nesses quinze anos de estudo (tabela 4).

O editor do *Brazilian Journal of Medical and Biological Research* afirma que existe subjetividade na editoração e nas decisões quanto à escolha de trabalhos para publicação, embora existam coisas concretas e objetivas que podem ser avaliadas, e que o impacto da revista depende desse tipo de decisões objetivas e subjetivas do editor (Greene, 1998).

Yamamoto (1999) também fala nesse sentido, quando afirma que essa seleção, enquanto um empreendimento humano, trata-se de um processo que dificilmente será imparcial, eivado que está de elementos subjetivos, restando sempre a possibilidade de questionamento. E complementa o raciocínio, expondo que seria ingenuidade (e cinismo) negar que, no mundo acadêmico, parâmetros outros, além do mérito, colocam-se entre a produção do conhecimento e a sua aparição em periódicos de destaque.

Este ponto de vista também é abordado por Herzberg, durante entrevista para Andrade (2004, p.269). Ele refere que o editor deve conhecer as atuais fronteiras da ciência para ter idéia das áreas que estão despertando maior interesse. E complementa, dizendo que, se há muita atividade num campo específico, este trabalho pode ser citado com mais freqüência e rapidez. E ainda acrescenta: o editor não pode sucumbir ao que ele chamou de “lascívia por novidade”, ou seja, a falta de visão crítica no afã de publicar tal novidade.

Chauí (2000) afirma que está ocorrendo uma perda da autonomia e da responsabilidade na geração de novos conhecimentos, uma vez que a utilização dos resultados científicos não tem sido determinada pelos pesquisadores e nem pelo poder público. As pesquisas estão sendo desenvolvidas para fins privados, havendo o abandono da responsabilidade social.

Assim, essas reflexões e discussões nos mostram que as responsabilidades éticas dos cientistas, dos profissionais da área de saúde e dos responsáveis em divulgar os conhecimentos são bem maiores e devem ser avaliadas não só pelo exercício e resultados das pesquisas ou ações técnicas, clínicas e cirúrgicas em si, mas, principalmente, pelas conseqüências sociais decorrentes das mesmas, contribuindo para a melhoria na qualidade de vida.

Desse modo, fazendo uma analogia do espaço ocupado pelos diversos assuntos e temáticas nas revistas com as disposições desses nas grades curriculares dos cursos de odontologia brasileiros, percebemos semelhanças. Paula e Bezerra (2003), na pesquisa sobre a estrutura curricular dos cursos de odontologia, relatam que o proeminente tratamento dado à formação técnica é real, bem como a visível separação entre as áreas profissionalizante e de formação básica. Nesta mesma pesquisa foi observado que o tratamento dispensado às áreas, como saúde coletiva, cidadania e ética, é bastante díspar, dependente do perfil que cada curso pretenda conceber para o seu alunado.

Acreditamos que esta última observação também é válida quando se trata das revistas, ou seja, a escolha por qual caminho prosseguir é livre, fato que percebemos quando analisamos o perfil de cada uma.

Apesar de serem essas de caráter geral e se assemelharem bastante, no que diz respeito às suas apresentações e formatos – inclusive em termos dos percentuais dos assuntos por elas abordados –, acreditamos que a ABO Nacional apresenta algumas particularidades, tais como mais matérias jornalísticas, entrevistas e opiniões em relação às outras duas. Ao que pode parecer, esses formatos de artigos têm uma maior “liberdade” para abordar assuntos “não odontológicos”, assuntos estes, importantes, de interesses diversificados, que normalmente não são falados e tratados em artigos de pesquisa científica na área da saúde, como economia, política, cidadania e outras áreas do conhecimento, mas que acabam agindo positivamente para a construção de uma odontologia mais integral.

A Revista ABO Nacional é publicada pela Associação Brasileira de Odontologia, e, dessa forma, acaba servindo como porta-voz dessa entidade que congrega a maioria dos profissionais da área. Este fato pode justificar o alto percentual de artigos (11,63%) que tratam da profissão, resultado que divergiu muito das outras duas revistas.

A categoria temática *Saúde Coletiva/Odontologia Preventiva* também se sobressaiu muito nessa revista, o que fez com que esta categoria fosse a segunda no geral. Esta área tem um papel estratégico na odontologia, pois é apontada como um espaço de discussão dos aspectos políticos e sociais inseridos na saúde (Amorim, 2002).

No entanto, é importante frisar que, apesar desse resultado positivo em relação a esta categoria, observamos que a maioria dos assuntos abordados nos artigos dessa área versava sobre conteúdos técnicos, e bastante atrelados à

odontologia, como, por exemplo: levantamentos epidemiológicos, programas de saúde bucal e fluoretação. Quanto ao exame do teor qualitativo das categorias, apesar de não ter sido objeto desta investigação, a nossa breve observação aponta para os resultados encontrados por Narvai (1997) sobre a produção científica brasileira na área de Odontologia Preventiva e Social.

Em relação à categoria *Ensino/Formação*, esta esteve, de uma forma geral, pouco presente nas publicações das revistas, fato este preocupante, visto que não concebemos as pesquisas, as discussões em odontologia caminhando desatreladas do ensino e, principalmente, não refletindo sobre o mesmo. A nosso ver, tal assunto merece um maior destaque.

É importante chamar a atenção para o pouco espaço que ocupou a área da Ética, a qual foi inserida em conjunto com a Odontologia Legal, como tema transversal de qualquer área do conhecimento, em particular, da saúde. Discussões e reflexões acerca dessa temática assumem, no atual contexto, uma elevada significação, considerando sua importância diante da diversidade de problemas que se apresentam no modelo de sociedade em que vivemos, tais como: fome, miséria, violência, racismo, exclusão social, desrespeito ao meio ambiente, entre tantos outros, que atentam contra a vida. Por isso mesmo, essa reflexão torna-se imprescindível à formação profissional, qualquer que seja a área de ensino, sobretudo, em se tratando da saúde.

Caso não haja mudanças nas formas de conceber e ensinar a odontologia, correremos o risco de perpetuar a carreira sob a égide de uma formação eminentemente técnica (Nash, 1998; Baum, 1997), e sem a necessária expressão no âmbito das profissões de saúde. Tal tendência já foi constatada em trabalhos

envolvendo a coleta de dados sobre a profissão odontológica (Hallissey et al, 2000; Chambers, 2001; Skelly e Fleming, 2002).

Baum (2003) afirma que a manutenção do *status* da profissão está incontestavelmente relacionada a sua capacidade de absorver conhecimentos e tecnologias, que possibilitem a real melhoria da qualidade de vida das pessoas. E, dentro desta mesma filosofia de pensamento, Campanário (1999) ressalta que a formação científica deveria proporcionar elementos básicos para o entendimento da realidade que nos rodeia, como também para a compreensão do papel da ciência em nossa sociedade.

CONCLUSÕES

Apesar de as revistas analisadas serem de caráter geral e tratarem de temas multidisciplinares, ficou evidente que há assuntos que predominam nas suas temáticas, assuntos estes que correspondem, na sua maioria, às disciplinas técnicas de cunho eminentemente profissional.

Vale salientar que, reflexões, sobre ética, que contribuiriam para uma visão complexa, reflexiva e crítica da realidade, propiciando mudanças no fazer odontológico, são pouco abordadas e divulgadas. Também o ensino e a formação não são contemplados como deveriam, para que pudéssemos reconstruir o ser e fazer odontológicos, dentro de princípios mais compatíveis com as novas diretrizes curriculares para a odontologia.

Logo, ao relacionarmos os resultados da presente pesquisa, com a estrutura curricular dos cursos de odontologia brasileiros, observamos que as temáticas abordadas nas revistas parecem obedecer a uma disposição semelhante àquela

ocupada pelas disciplinas correlatas, no âmbito da formação, ou seja, uma maior ênfase e espaço cedido às áreas técnicas e profissionalizantes.

Dessa forma, podemos depreender que o modelo mercantilista, a fragmentação do saber, aliados a uma visão positivista e cartesiana da realidade, fazem com que percamos de vista as questões globais e o sentido holístico do homem. Assim sendo, acreditamos que a forma como a odontologia vem sendo concebida e estruturada, muitas vezes, antagoniza-se com a busca do novo perfil do profissional desta área, voltado para uma concepção generalista, humanista, crítica e reflexiva, como estabelece a Resolução CNE/CES 3/2002 das Novas Diretrizes Curriculares dos cursos de graduação em odontologia. Ao mesmo tempo, contribui para a construção de uma ciência sem alma, que desumaniza e banaliza a vida, como nos chama a atenção Morin (2000).

Com efeito, é pertinente ressaltarmos, mais uma vez, que as revistas servem como elo de comunicação científica entre os profissionais e estudantes, sendo consideradas veículos importantes para a geração de novos conhecimentos, e influenciando diretamente a prática e a formação em odontologia, como também deixando-se influenciar por estas.

Em suma, a comunicação exercida pelas revistas científicas deverá contribuir para melhorar a qualidade de vida e a vida em sociedade, uma vez que irá influenciar e nortear os pensamentos, reflexões e atitudes, moldando os fazeres em todos os campos do conhecimento. Temos que ter em mente que esta é a função social das revistas.

Pensar mais como a ciência é feita e entendê-la, em sentido mais profundo, são tarefas complexas. Dessa forma, esta pesquisa procurou contribuir para a

compreensão das características do processo da produção do conhecimento odontológico; no entanto, vemos que se faz necessário um aprofundamento qualitativo do estudo, com o intuito de ampliar a viabilidade das análises para investigarmos em qual estágio se encontra cada área do saber na odontologia. Mesmo, diante das suas limitações, os resultados parecem oferecer subsídios para a reflexão, assim como para estudos posteriores sobre o tema, servindo de parâmetro para acompanhar a evolução do pensar odontológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMORIM, K. P. C. **Nos labirintos da vida: A (bio)ética na formação de odontólogos (a visão de docentes)**. 2002. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
2. AMORIM, K. P. C.; ALVES, M. C. F.; GERMANO, R. M. A construção do conhecimento na odontologia: a produção científica em debate. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v.20, Supl 1, p.12-15, 2005.
3. ANDRADE, M. Publicações. **ABO Nac**, v.12, n.5, p. 262-75, 2004.
4. BAUM, B. J. The absence of a culture of science in dental education. A North American perspective. **Eur J Dent Educ**, v.1, n.1, p. 2-5, 1997.
5. BAUM, B. J. Can biomedical science be made relevant in dental education? **Eur J Dent Educ**, v.7, n.2, p. 49-55, 2003.
6. BIOJONE M. R. **Forma e função dos periódicos científicos na comunicação da ciência**. 2001. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
7. CAMPANARIO, J. M. La ciencia que no enseñamos. **Enseñanza de las Ciencias**, v.17, n.3, p.397-410, 1999.
8. CANOLETTI, B.; SOARES, C. B. Programa de prevenção ao consumo de drogas no Brasil: uma análise da produção científica de 1991 a 2001. **Interface – Comunic., Saúde, Educ.**, v.9, n.16, p. 115-29, 2005.
9. CHAMBERS, D. W. The role of dentists in dentistry. **J Dent Educ**, v.65, n.12, p. 1430-1440, 2001.
10. CHAUÍ, M. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.
11. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares nacionais do curso de graduação em odontologia, Resolução CNE/CES 3/2002, **Diário Oficial da União**, Brasília, 4 de março de 2002, Seção 1, p. 10.
12. CURY, J. A. The evolution of dental research in Brazil. **Braz. oral res.**, v.18, n.2, p.97, 2004.
13. FORATINI, O. P. A tríade da publicação científica. **Rev Saúde Pública**, v.30, n.1, p. 101-111, 1996.
14. FORATINI, O. P. A internacionalidade da ciência. **Rev Saúde Pública**, v. 31, n.2, p.115, 1997.
15. GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social** . São Paulo: Atlas, 1999.

16. GREENE, L. J. O dilema do editor de uma revista biomédica: aceitar ou não aceitar. **Ci. Inf.**, v. 27, n.2, p.230-232, 1988.
17. HALLISSEY, J.; HANNIGAN, A.; RAY, N. Reasons for choosing dentistry as a career – a survey of dental students attending um dental school in Ireland during 1998-99. . **Eur J Dent Educ**, v.4, n.2, p. 77-81, 2000.
18. INBRAPE - INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTUDOS E PESQUISA SÓCIO-ECONÔMICOS. **Perfil do cirurgião-dentista no Brasil**. 2003. Disponível em: <http://www.cfo.org.br/download/pdf/perfil_CD.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2004.
19. LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do Saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Ed. UFMG, 1999.
20. MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
21. MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
22. NARVAI, P. C. **Produção científica na área de odontologia preventiva social**. BRASIL, 1986-1993. 1997. Tese (Doutorado) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.
23. NASH, D. A. “And the band play on...”. **J Dent Educ**, v. 62, n. 12, p. 964-967, 1998.
24. PAULA, L M.; BEZERRA, A. C. B. A estrutura curricular dos cursos de Odontologia no Brasil. **Revista da ABENO**, v.3, n.1, p. 7-14, 2003.
25. PÉRET, A. C. A.; LIMA, M. L. R. A Pesquisa e a formação do professor de odontologia nas políticas internacionais e na educação. **Revista da ABENO**, v.3, n.1, p. 65-69, 2003.
26. PONTHEIU, E. Comment évaluer l’impact économique des grands programmes? **La Recherche** (Suppl 276), p. 12-15, 1995.
27. RIOS, T. A. **Compreender e ensinar**: por uma docência da melhor qualidade. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.
28. SKELLY, A. M.; FLEMING, G. J. Perceptions of dental career among successful applicants for dentistry compared with those of fifth-year dental students. **Prim Dent Care**, v.9, n.2, p. 41-46, 2002.
29. TRZESNIAK, P. A. Concepção e a construção da revista científica. In: **Curso de Editoração Científica**. Petrópolis: ABEC; 2001. p.17-23
30. YAMAMOTO, O. H.; SOUZA, C. C.; YAMAMOTO, M. E. A produção Científica na Psicologia: uma análise dos Periódicos Brasileiros no período 1990-1997. **Psicol., Reflex. Crít.**, v. 12, n.2, 1999.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102-797219990002&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 04 dez. 2004.

3.3 Artigo Submetido

O conhecimento científico e a odontologia: os (des)caminhos de uma formação (bio)ética*

The scientific knowledge and odontology: the (mis)leads of a bio(ethic) formation

El conocimiento científico y la odontología: los (des)caminos de una formación (bio)ética

Karla Patrícia Cardoso Amorim¹, Maria do Socorro Costa Feitosa Alves², Raimunda Medeiros Germano³, Iris do Céu Clara Costa⁴

*Pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – Nível doutorado.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – UFRN e Mestre em Odontologia Social – UFRN. karlamorim@bol.com.br ; amorimkarla@yahoo.com.br

² Doutora em Odontologia Preventiva e Social – FOP/UPE e Professora Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UFRN.

³ Doutora em Educação - UNICAMP, Professora Adjunto do Dep. de Enfermagem e Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – UFRN.

⁴ Doutora em Odontologia Preventiva e Social – UNESP e Professora Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UFRN.

¹ Rua Ataulfo Alves, 1877 – Cond. Dom Vicente, Bl. D, aptº 202

Bairro: Candelária.

Natal – RN

CEP: 59064-570

O conhecimento científico e a odontologia: os (des)caminhos de uma formação (bio)ética

Esta pesquisa objetiva analisar como a (bio)ética vem sendo abordada na odontologia, identificando as principais preocupações e tendências, a partir de três revistas da área, publicadas no período de 1990 a 2004. Articulamos uma abordagem quanti/qualitativa, estudando 2995 artigos. A análise do material empírico revela que, apesar de existir uma tendência de crescimento dessa discussão, pouco tem sido publicado sobre o tema (1,9%). Além do mais, parece haver um descompasso entre a atual abordagem da (bio)ética em odontologia e as atuais exigências da vida, onde predominam os enfoques deontológico e legalista, parecendo corresponder apenas aos aspectos internos da profissão. Apesar disso, através da abordagem qualitativa foi possível identificar caminhos para a construção de uma formação e prática odontológicas mais complexas e integrais. Por fim, esta investigação parece oferecer subsídios para reflexão e posteriores estudos sobre o tema, servindo de parâmetro para acompanhar a evolução do pensar (bio)ético na odontologia.

Palavras-chave: publicações, revistas, formação, bioética, odontologia

This research aims to analyze how bioethics has been approached in the odontology, identifying the main concerns and tendencies, out from three magazines of the area, published in the period between 1990 and 2004. We have articulated a quanti-qualitative approach, studying 2995 articles. The analysis of the empiric material shows that, although there is a growth tendency of this discussion, little has been published about this theme (1,9%). Besides, it seems that there is an arrhythmia between the present bioethic approach in dentistry and the present life demands, where the deontology and legalist focuses are predominant, seeming to correspond to the inner aspects of the profession alone. In spite of this, through the qualitative approach it was possible to identify ways to build a more complex and integral odontological formation and practice. Finally, this investigation seems to offer subsidies for reflection and further studies about the theme, working as a parameter to keep up with the evolution of the bioethic thinking in the odontology.

Key words: publications, magazines, formation, bioethics, odontology

Esta investigación analiza cómo la (bio)ética esta siendo tratada en la odontología, identificando las principales preocupaciones y tendencias, a partir de tres revistas del área, publicadas en el período de 1990 hasta 2004. Articulamos un abordaje cuanti/cualitativo, estudiamos 2995 artículos. El análisis del material empírico revela que, aunque exista una tendencia de crecimiento de esta discusión, poco se ha publicado sobre el tema (1,9%). Además de eso, parece que hay un descompaso entre el actual abordaje de la (bio)ética en odontología y las actuales exigencias de la vida, donde predominan los enfoques deontológico y legalista, que aparentan corresponder sólo a los aspectos internos de la profesión. Además de eso, por medio del abordaje cualitativo ha sido posible identificar caminos para la construcción de una formación y práctica odontológicas más complejas e íntegras. Por fin, esta investigación ofrecer subsidios para razonar y para posteriores estudios sobre el tema, sirviendo de parámetro para acompañar la evolución del pensar (bio)ético en odontología.

Palabras claves: publicaciones, revistas, formaciones, bioética, odontología

INTRODUÇÃO

A complexidade do mundo em que vivemos transparece nas expressões que usamos: o mundo das artes, o mundo da política, o mundo da ciência, o mundo acadêmico, o mundo do comércio, o mundo odontológico, entre outros. No entanto, só existe um mundo. Todos os mundos acima se entrelaçam num mesmo espaço e tempo em que vivemos.

A compartimentalização e a fragmentação dos saberes, aliados a uma visão positivista e cartesiana da realidade e ao modelo mercantilista atual, perdem de vista as questões globais e o sentido holístico do homem e, aos poucos, vem contribuindo para a construção de uma ciência sem alma que desumaniza e, ao mesmo tempo, banaliza a vida, como nos chama a atenção Morin (2000a). No nosso caso, podemos falar, com propriedade, do auto-isolamento (odontocentrismo) que a odontologia criou, tendo como resultado uma área eminentemente técnica, onde questões sociais e humanas ficam em segundo plano.

A hipertrofia do *logos* (razão) em detrimento do *pathos* (sentimento), como assinala Boff (2000), induz a uma visão utilitarista da vida e a uma dimensão parcial do homem.

A ciência, ao longo dos tempos, proporcionou um acúmulo de conhecimentos, os quais, necessariamente, não se pautaram por um progresso ético/moral. E esse descompasso, cada vez mais acentuado, repercute negativamente nas diferentes esferas da vida, em particular, na atividade educativa, pois, como lembrava Montaigne pensador francês do século XVI, *mais vale uma cabeça bem feita do que uma cabeça bem cheia*.

A área da saúde, como os demais setores da sociedade, tem fronteiras imprecisas, estando ligada, intimamente, a outros setores sociais. É dentro desta

perspectiva que a odontologia deve ser abordada e inserida, ou seja, tem que ultrapassar e quebrar as barreiras do “odontocentrismo”, migrando para uma odontologia globalizante.

Desde os primórdios das profissões de saúde, como de resto de outras áreas do saber humano, a ética sempre foi vista como a pedra angular do comportamento profissional. No entanto, são muitas as formas de concebê-la. Essa compreensão se reveste de um significado da mais alta relevância quando se trata da missão de educar, de formar pessoas para a vida e para a profissão, pois representa o fio condutor que enforma a atitude do cidadão e do profissional.

No nosso entender, e para efeito deste estudo, a (bio)ética será concebida como uma ética relacionada a todos os aspectos envolvidos no viver; ou seja, não faremos distinção entre ética e (bio)ética; por isso, optamos em grafá-la de uma forma diferente.

Dentro desta perspectiva, a discussão acerca da (bio)ética, entendida como uma ética da vida, assume, no atual contexto, uma elevada significação, considerando sua importância diante da diversidade de problemas que se apresentam no modelo de sociedade em que vivemos, tais como: fome, miséria, violência, racismo, exclusão social, desrespeito ao meio ambiente, entre tantos outros, que atentam contra a vida. Por isso mesmo, essa reflexão torna-se imprescindível à formação profissional, qualquer que seja a área de ensino, sobretudo, em se tratando da saúde.

Assim sendo, acreditamos que a forma como a odontologia vem sendo concebida e estruturada, pautada, em sua maioria, nas questões técnicas e biológicas, muitas vezes antagoniza-se com a busca do novo perfil do profissional desta área, voltado para uma concepção generalista, humanista, crítica e reflexiva,

como estabelece a Resolução CNE/CES 3/2002 das Novas Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação em Odontologia.

Analisando o perfil da odontologia atual, e partindo do pressuposto de que as revistas não têm apenas o propósito principal de estabelecer um elo de comunicação entre os profissionais e estudantes de odontologia, mas também servem de depositárias das concepções que plasmam, moldam e dão existência à odontologia nacional, realizamos a presente pesquisa. Trata-se, portanto, de uma investigação a partir de três periódicos nacionais de odontologia, publicados no período de 1990 a 2004, com o objetivo de analisar como a temática (bio)ética vem sendo abordada nesta área, e, assim, identificar quais foram suas principais preocupações e tendências, visando apreender como esse conhecimento tem sido produzido e divulgado no âmbito da odontologia. Para tanto, procuramos nos conduzir pelas seguintes questões: a) A (bio)ética, transmitida nos artigos, prende-se às questões gerais da vida e da condição humana em relação à odontologia, ou aos aspectos normativos da profissão contidos em códigos deontológicos? b) Há um descompasso entre a abordagem da (bio)ética em odontologia e as atuais exigências da vida?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Convém ressaltar que se trata de uma pesquisa bibliográfica, com caráter exploratório descritivo, dentro de uma abordagem quanti-qualitativa, uma vez que estas duas perspectivas, de naturezas diferentes, são complementares na busca de melhor se aproximar de uma realidade que se quer conhecer (Minayo e Sanches, 1993).

Foram estudados três periódicos odontológicos nacionais, representativos da

área (Amorim et al, 2005): a Revista da Associação Brasileira de Odontologia (ABO Nacional), a Revista da Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas (APCD) e a Revista Brasileira de Odontologia (RBO) publicada pela ABO – Seção RJ.

Trabalhamos dentro de um recorte temporal de 15 anos, abrangendo o período de 1990 a 2004, pelo fato de representar uma fase em que as discussões sobre a (bio)ética se intensificaram na área da saúde. No entanto, a Revista ABO Nacional teve a sua criação somente no ano de 1993, e, dessa forma, a estudamos na sua totalidade.

Dentre os periódicos desse período, foram consultados 246 fascículos e analisados 2995 artigos, incluindo os editoriais. Mas, para compor o material empírico, selecionamos os artigos que possuíam, em seu título ou em suas palavras-chave, expressões ligadas diretamente à ética e/ou à (bio)ética; ou, no caso dos editoriais, tivessem-nas como temática central. Convém ressaltar, que esta escolha fundamentada dos artigos, bem como as análises qualitativa e quantitativa, foram submetidas à apreciação e validação de duas especialistas na área, que propuseram algumas modificações, as quais foram incorporadas.

Dessa forma, foram classificados e compuseram o material empírico 57 artigos; 18 da Revista ABO Nacional, 21 da APCD e 18 da RBO; destes, quatro são editoriais.

Do ponto de vista da abordagem quantitativa, em cada artigo estudado, investigamos as seguintes variáveis: periódico, ano de publicação, tema principal, formação e/ou atuação do autor, seu vínculo e origem institucional, além da metodologia empregada no artigo. Com relação aos aspectos referentes aos autores, foram analisados, apenas, os que diziam respeito ao primeiro autor de cada artigo.

Para a última variável citada, isto é, a metodologia, utilizamos a seguinte classificação, adaptada de Gomes et al (2002, p.410): 1) Ensaio (estudo que se baseia unicamente na experiência do autor); 2) Estudo de caso (estudo de casuística); 3) Estudo descritivo (estudo que não envolve metodologia epidemiológica, embora trabalhe os dados quantitativamente); 4) Pesquisa qualitativa (estudo de crenças, valores, percepções, representações e sentidos atribuídos); 5) Revisão bibliográfica (estudo baseado em consulta bibliográfica); 6) Estudo quanti-qualitativo (estudo que articula as duas abordagens) e 7) Editorial (artigo que exprime a opinião do órgão).

Em termos qualitativos, procuramos, mediante a análise de conteúdo dos artigos selecionados, identificar e apreciar suas principais preocupações e tendências. Assim sendo, o material coletado foi devidamente trabalhado, seguindo os passos explicitados por Bardin (1977), acerca da análise de conteúdo.

Operacionalmente, a análise de conteúdo desdobrou-se em três etapas: a primeira etapa foi a pré-análise, na qual realizamos leituras exaustivas do material, procurando um sentido geral do que foi verbalizado e identificando; posteriormente, a idéia principal dos artigos, os pontos convergentes, representativos e significativos do tema.

A etapa seguinte foi a exploração desse material empírico, com a finalidade de definir as categorias de análise. Estas, em número de três, foram assim nomeadas:

- 1. Estudando o panorama: a ética prática** (como esta é concebida nos artigos).
- 2. Analisando os pensamentos: a prática da ética** (como esta é discutida no meio odontológico).

3. Explorando os caminhos: a (bio)ética e o conhecimento científico

(caminhos e possibilidades para uma formação e prática odontológicas dentro de uma cultura ética).

A terceira etapa, a categorização, consistiu na identificação, agrupamento e classificação dos discursos significativos aos objetivos propostos. As categorias foram representadas por três diferentes cores, de forma a facilitar a identificação e recorte destes discursos inseridos em cada artigo.

A partir de então, procedemos à análise final dos significados. Neste momento, procuramos estabelecer articulações entre as informações obtidas e o aporte teórico da pesquisa. Foram fundamentais, como fio condutor da análise, os estudos de Morin, por suas contribuições relevantes, no tocante à crítica da fragmentação do conhecimento, bem como pela sua colaboração inteligente na reforma do pensamento, capaz de criar um conhecimento novo, complexo, não disjuntivo, mas que articula o diálogo de saberes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo revelou, no âmbito das três revistas analisadas, a quase inexistência de dados acerca da (bio)ética, ou seja, apenas 1,9% dos artigos publicados, no período estudado, abordaram este tema (Tabela 1).

No entanto, é interessante ressaltar que a pouca produção a respeito da (bio)ética pode ser relativizada se for levado em consideração o conteúdo dos artigos, e não apenas o título e as palavras-chave como critérios de inclusão para fins de estudo. Assim, pode ser que um determinado artigo não tenha, em seu título ou em suas palavras-chave, a indicação do termo ética e/ou (bio)ética, mas o seu

conteúdo apresente reflexões ou se relacione a essa expressão, como adverte Gomes et al (2001, p.63).

Apesar de a distribuição dos artigos que tratam da (bio)ética, durante os quinze anos estudados, não ser regular, observamos que há uma tímida tendência de crescimento das discussões nessa área. Os cinco últimos anos contabilizam 54,39% das publicações, sendo 2000 e 2004 aqueles em que mais se discutiu a respeito do tema (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição dos artigos por periódico e ano de produção, 1990-2004

ANO	ARTIGOS PUBLICADOS				ARTIGOS RELACIONADOS AO ESTUDO			
	ABO	APCD	RBO	TOTAL	ABO	APCD	RBO	TOTAL
1990	*	55	46	101	*	-	1	1
1991	*	53	57	110	*	1	-	1
1992	*	40	58	98	*	-	-	-
1993	36	39	69	144	-	3	-	3
1994	98	47	48	193	1	1	-	2
1995	76	53	69	198	1	2	-	3
1996	75	63	75	213	1	2	2	5
1997	81	71	84	236	2	3	-	5
1998	75	64	74	213	1	-	2	3
1999	72	71	69	212	2	1	-	3
2000	60	67	100	227	3	1	3	7
2001	63	68	116	247	1	2	2	5
2002	82	78	120	280	1	1	4	6
2003	77	87	124	288	1	1	4	6
2004	79	90	66	235	4	3	-	7
TOTAL	874	946	1175	2995	18	21	18	57

* Nesses períodos a Revista ABO Nacional não tinha sido fundada.

Marsiglia et al (2003), em um estudo sobre a produção científica nas ciências sociais a respeito da saúde, também indicam que a ética foi objeto de poucos trabalhos.

Ao relacionarmos os nossos achados e o local que a (bio)ética ocupa no contexto odontológico atual, seja vinculado à formação, à assistência, ou ao serviço, vemos que há uma relação positiva, e que as perspectivas apontadas nos resultados são confirmadas na prática. Ou seja, podemos dizer que houve um crescimento e

desenvolvimento técnico/científico acentuados na área odontológica durante os últimos anos, e isso vem sendo devidamente considerado durante a formação acadêmica; no entanto, a preocupação com as questões humanas, éticas e sociais não vêm recebendo a mesma atenção. Esse tratamento descarta a possibilidade de uma odontologia total, completa e integral, que englobe de uma forma equilibrada, de um lado, a clínica/técnica e, do outro, o social/ético (coletivo, humano, econômico e político). Uma parte não nega a outra, e sim, as duas se complementam e agem sinergicamente em prol de uma verdadeira odontologia como ciência da saúde.

As autorias dos artigos foram, por ampla maioria, de profissionais vinculados a instituições de ensino, totalizando 59,65% das publicações, sendo 40,35%, oriundas de instituições públicas; e 19,30%, de particulares. Com relação ao vínculo dos autores nestas instituições, a distribuição assim se apresenta: professores, 40,36%; pós-graduandos, 12,28%; graduandos, 3,51%; pesquisadores doutores, 1,75%; e pesquisadores mestres, 1,75%. Em segundo lugar, estão os autores que fazem parte da equipe das próprias revistas estudadas (29,83%).

Dessa forma, essas duas entidades, as instituições de ensino e as revistas, demonstram ser as principais responsáveis pela produção intelectual a respeito da (bio)ética em odontologia. Assim sendo, podemos dizer que tal produção científica, com base nas revistas estudadas, é monopólio daqueles que desempenham as chamadas funções intelectuais, caracterizando a formação de uma hierarquia intelectual, como bem explicita Gramsci (1968, p.11-12). Este diferencia a atividade intelectual em graus, salientando que, *no mais alto grau, devem ser colocados os criadores das várias ciências, da filosofia, da arte, etc; no mais baixo, os administradores e divulgadores mais modestos da riqueza intelectual já existente, tradicional, acumulada*. Dessa forma, é salutar expor o pensamento de Germano

(1993a, p.86), o qual nos chama a atenção para o importante papel dos professores dentro do processo de educação e desenvolvimento, pelo fato de, além de serem responsáveis pela maioria da produção intelectual, estarem esses atores sociais, também, entre os segmentos responsáveis pela difusão do saber. No entanto, no nosso estudo, as revistas científicas demonstraram ter uma função igualmente importante, pois, além de serem um dos meios mais dinâmicos para a divulgação de conhecimento, apresentaram-se, também, como geradoras deste.

Sendo essa concentração e esse monopólio intelectual oriundos de instâncias responsáveis pela geração e divulgação dos saberes, podemos visualizar uma real possibilidade de crescimento das reflexões e discussões (bio)éticas no âmbito odontológico. É bem verdade que a disposição para a efetivação de qualquer mudança não ocorre de forma linear, nem mesmo consensual; pois, no dizer de Morin (2005), o homem é dotado de dispositivos mentais que, ao longo da vida, de certa forma, são engessados, consolidados, tornando-o, assim, resistente às mudanças. Mas isso não configura uma impossibilidade de construir o novo. Tanto é assim, que o Autor não somente acredita nessa possibilidade, mas, sobretudo, adverte que as grandes reformas começam sempre pela decisão de um pequeno conjunto de espíritos.

Neste sentido, devemos tratar de resgatar o sentido da razão, que, como característica diferenciadora de toda a humanidade, só ganha sua significação na articulação com todos os demais “instrumentos” com os quais o ser humano se relaciona com o mundo e com os outros – os sentidos, os sentimentos, a memória, a imaginação (Maturana, 1999).

Ainda com relação ao monopólio intelectual, é necessário esclarecer que o simples enunciado da (bio)ética permite convencer que nenhuma disciplina pode dar

conta da pluralidade dos esclarecimentos necessários, pois a noção de 'pessoa humana', seu ponto central, é uma excelente prova disso. Entretanto, verificamos que, apesar dessa essência transdisciplinar inerente à (bio)ética, os responsáveis pela divulgação deste saber na odontologia atuam e se concentram, paradoxalmente, em algumas áreas distintas, como é o caso da Odontologia Social (17,54%) e Odontologia Legal (12,28%). Além do mais, como expomos anteriormente, quase 30% das publicações foram de iniciativas e de responsabilidade das próprias revistas.

Acreditamos que tais reflexões e discussões devem ser de interesse de todos aqueles que fazem a odontologia. Neste caso, é essencial realizar esclarecimentos plurais com o objetivo de articular as diferentes visões, tarefa não muito fácil e que precisa estar pautada dentro da perspectiva transdisciplinar. Morin (2000b, p.36) ressalta que *a transdisciplinaridade se caracteriza geralmente por esquemas cognitivos que atravessam as disciplinas, às vezes com virulência tal que as coloca em transe. E que a **ciência nunca teria sido ciência se não tivesse sido transdisciplinar*** (grifo nosso).

Andrade (2004, p.274) relata que a reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Odontológica (SBPqO), em setembro de 2004, ofereceu uma amostra representativa da atual produção científica brasileira em odontologia, que é matéria-prima dos periódicos científicos do setor; e pela origem geográfica dos trabalhos, percebe-se a nítida concentração da produção na Região Sudeste, com maior incidência nos estados de São Paulo (47,5%) e Rio de Janeiro (12%). Os nossos resultados confirmam esses achados, uma vez que 77,19% dos artigos relacionados à (bio)ética foram provenientes da Região Sudeste, sendo São Paulo o responsável por 59,65% e o Rio de Janeiro, por 17,54%. A região Sul contribui com um

percentual de 10,53% artigos. Assim sendo, corroboramos, também, os estudos de Castro (1985) e De Méis e Leta (1996), onde apontam que a concentração da produção científica brasileira é predominante das Regiões Sul e Sudeste.

Yamamoto et al (1999) ressaltam que, subjacente a esta centralização geográfica, reside o fator econômico, reproduzindo o quadro internacional, onde 71% da produção mundial estão concentrados nas sete nações mais ricas do planeta.

O fato de as entidades de ensino serem responsáveis pelo maior número da produção, aliado ao pouco interesse pela (bio)ética, confirmam a assertiva de que a perda do significado público e científico da ética espelha-se no lugar que ela ocupa na organização das disciplinas em nossas universidades (Pfürtner, 1989), sendo essa relação diretamente proporcional (Grisard, 2002).

Desse modo, reforçando essa linha de pensamento sobre o estudo da ética, Camargo (1996) fez uma comparação entre os resultados de dois levantamentos realizados em 1985 e 1992, respectivamente, por Mello e Cols, e Meira e Cunha, que tiveram a finalidade de conhecer a realidade do seu ensino nos cursos de graduação das faculdades de medicina do Brasil. Fazendo tal comparação, a autora observa que a carga horária da disciplina de ética médica é bastante reduzida na maioria das escolas, embora se observe alguns cursos com grande elevação de horas/aulas; o que causa, inclusive, uma distribuição variável. A disciplina está presente no 3º, 4º e 5º ano do curso médico, e poucas escolas distribuem seus horários pelos primeiros anos. Concluindo, destaca a autora:

Assim como a alocação da disciplina, também sua carga horária está justificada dado o conteúdo deontológico proposto até então. Hoje não se poderia desenvolver conteúdos de bioética, numa perspectiva formadora, com os espaços encontrados nos dois levantamentos sobre os quais tratamos; a carga horária é insuficiente para desenvolver um conteúdo programático que permita aos alunos posturas amadurecidas, frente às questões polêmicas com as quais se defrontarão na sua vida profissional, ao pluralismo

das soluções e, principalmente, que permita a eles a emissão de condutas morais fundamentadas em conceitos morais (p. 50).

Acreditamos, dessa forma, que há uma tendência geral do ensino, na atualidade, de refletir e discutir a respeito da importância do despertar para um senso crítico, porém de forma ainda insuficiente. É preciso buscar o desenvolvimento de uma competência ética, como adverte Rios (2001).

Por outro lado, Paula e Bezerra (2003), em estudo sobre a estrutura curricular dos cursos de odontologia no Brasil, aponta que, apesar de existirem variações entre os cursos, de uma forma geral, é proeminente o tratamento dado à formação técnica e à separação entre a formação básica e profissionalizante, destacando que às áreas de saúde coletiva e ética e cidadania são bastante díspares e dependem do perfil que cada curso imprime ao seu programa e ao seu ensino.

Considerando a relação produção/gênero, apesar de Azevedo et al (1989) registrarem uma hegemonia masculina no campo das publicações, os nossos resultados demonstraram que essa diferença é muito discreta na área estudada (57,89% dos autores são do sexo masculino, e 42,11%, do sexo feminino). E, além do mais, observamos que, a partir do ano de 1996, há uma tendência de igualdade na produção entre homens e mulheres, fato que pode ter como uma das explicações o aumento do número de pessoas do sexo feminino na profissão odontológica, durante esses últimos anos.

Ao se falar em (bio)ética odontológica, comumente se fala dentro de uma perspectiva de ordem legal, deontológica e pautada na observância do Código de Ética Profissional, priorizando-se assuntos ligados diretamente à profissão, como fica bastante evidente ao analisarmos a tabela a seguir:

Tabela 2 – Distribuição dos artigos conforme temas e periódicos, 1990-2004

TEMAS	REVISTAS				
	ABO	APCD	RBO	TOTAL	%
Relação profissional/paciente	1	3	4	8	14,04
Documentação	2	3	2	7	12,28
Deveres, responsabilidades e conduta profissionais	1	3	2	6	10,53
Odontologia Legal – conceitos e considerações	2	1	1	4	7,02
Seguros de responsabilidade profissional	1	2	1	4	7,02
Ética e bioética – conceitos e considerações	2	-	2	4	7,02
Ética na pesquisa	1	3	-	4	7,02
Processos	1	2	-	3	5,26
Banco de dentes	1	-	2	3	5,26
Paciente HIV positivo	2	1	-	3	5,26
Perícias	1	-	1	2	3,51
Erro profissional	-	-	2	2	3,51
Fiscalização	1	-	1	2	3,51
Relação profissional/profissional	-	2	-	2	3,51
Propaganda	-	1	-	1	1,75
Honorários profissionais	1	-	-	1	1,75
Charlatanismo	1	-	-	1	1,75
Total	18	21	18	57	100,00

Essa forma de conceber e conduzir a temática, em questão, limitada a aspectos profissionais, é verificada em outras áreas da saúde; como, por exemplo, na área médica, onde Siqueira (2003, p.33) ressalta que o seu ensino é marcado por uma visão deontológica, o que não mais atende às necessidades de uma formação profissional exigida pelo atual momento. Na enfermagem, Germano (1993b, p.131) nos chama atenção para a contradição existente entre o discurso de valorização da ética e o enfoque formal, passivo, não crítico, predominantes no ensino desta, contribuindo com uma ética alienada e utilitarista.

Com relação ao tipo de metodologia empregada nos artigos, é imprescindível que chamemos a atenção para o fato da inexistência da abordagem qualitativa. Para Minayo (1996, p.21 e 22), as metodologias de pesquisa qualitativa *são aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções*

humanas significativas. Assim sendo, a maneira pela qual tal assunto, de natureza complexa, foi abordado, na maioria das vezes, confirma uma tendência reducionista no trato das questões pesquisadas. Observamos, assim, que a odontologia vem caminhando de forma oposta a uma tendência atual de se estudar os fenômenos relacionados aos contextos pessoais e sociais no campo da saúde, uma vez que mais da metade dos artigos (56,14%) corresponderam a trabalhos de revisão e matérias jornalísticas, com predominância dos primeiros.

Complementando os achados quantitativos, buscamos um aprofundamento da análise, através da abordagem qualitativa. Durante esta fase de análise, para preservarmos a identidade dos autores dos artigos, resolvemos identificar suas falas somente citando as revistas, ano de publicação e número do periódico referente ao artigo do qual foram extraídos os discursos, como podemos observar a seguir. Assim sendo, foram evidenciados os seguintes aspectos, por categorias:

1. **Estudando o panorama: a ética prática** (como esta é concebida nos artigos)

Esta primeira categoria confirma que o significado atribuído à (bio)ética na odontologia foi traduzido por uma ética legalista, normativa, pautada no Código de Ética Profissional, como podemos observar a seguir:

Deontologia, a voz da ética (ABO, 1997, n.1).

Ao exercer a Odontologia, o dentista deve ter sempre inculcado no espírito seu código de ética (RBO, 2000, n.2).

(...) a ética como o conhecimento de seus direitos e deveres, sua relação com os colegas e as entidades, sua responsabilidade profissional (RBO, 2001, n.6).

Apesar da predominância desse caráter deontológico, a (bio)ética, entendida como uma ética necessária à vida e dentro de uma perspectiva complexa, esteve presente em alguns discursos, mesmo que de uma forma ainda muito incipiente, nos artigos estudados. Assim vejamos, nos pronunciamentos a seguir:

Capacidade do indivíduo de perceber dilemas – estabelecer um posicionamento ativo e autônomo entre emoção e a razão – e ser coerente nas suas atitudes (APCD, 2004, n.1).

(...) enfatiza a responsabilidade dos profissionais e da sociedade com o homem e com a vida (ABO, 2003, n.3).

A sociedade do século XXI terá possivelmente o seu foco no aumento da necessidade de mútua cooperação entre contemporâneos e do respeito para com os direitos das gerações futuras. Esta era a base já proposta, por Potter (1971), quando cunhou o termo Bioética, a de que ela seria uma ponte entre as ciências e as humanidades, surgindo, desta visão conjunta com o futuro, a assertiva: *Eu proponho o termo Bioética como forma de enfatizar os dois componentes mais importantes para se atingir uma nova sabedoria, que é tão desesperadamente necessária: conhecimento biológico e valores humanos.*

Esta forma de entendimento nem sempre é real. Na maioria dos textos estudados, ética e (bio)ética são entendidas como algo distinto. Quando essa distinção está presente, a (bio)ética é abordada como a ética aplicada às ciências da saúde, e não a ética necessária e imprescindível à vida, como a afirmação seguinte:

Filosofia que discute as implicações éticas das pesquisas científicas e das práticas de saúde (APCD, 2001, n.6).

É de suma importância, então, o entendimento, a interpretação que damos ao neologismo (bio)ética, pois o termo será difundido conforme a sua compreensão. Uma vez entendido como algo novo ou, simplesmente, como a ética das ciências da saúde, estamos limitando o pensar global que a (bio)ética proporciona para compreendermos os problemas complexos da vida. No dizer de Bellino (1997, p.49), *a ética da ciência não pode esgotar a (bio)ética, porque o conhecimento, mesmo sendo um valor importante, não é valor único, nem supremo, nem absoluto. A ética da ciência não pode prescindir da ética geral.*

A preocupação, com relação a essa apropriação científica, fortalece o que

explicitamos na introdução. Dessa forma, não é repetitivo alertar e chamar a atenção que essa forma de concebê-la, muitas vezes, cria uma barreira de especificidade e especialidade em torno da mesma. É como se a (bio)ética fosse algo fora do alcance dos profissionais e dos cidadãos comuns, devendo, apenas, ser abordada por pessoas “habilitadas”.

As observações de Atlan (2002) caminham nessa direção; o filósofo chama a atenção para o *fato de o neologismo se prestar à confusão*, uma vez que, na sua concepção, esse nome deixa transparecer que se trata da ética de problemas relacionados a questões referentes à biologia, isto porque o costume da linguagem reduziu tudo que é bio à biologia. Dessa forma, defendeu a existência de uma ética, e não de uma (bio)ética.

Esse pensamento é tão difundido e aceito que o próprio Morin (2000a, p.132) adverte que estamos condenados na (bio)ética a compromissos arbitrários e provisórios. E afirma veemente: *Não acredito absolutamente numa nova ética. Esses são problemas permanentes da ética que se chocam com situações inesperadas, que suscitam conflitos éticos.*

2. Analisando os pensamentos: a prática da ética (como esta é discutida no meio odontológico)

Esta segunda categoria expressa a forma pela qual o assunto (bio)ética foi abordado pelas revistas. Assim sendo, reforça e complementa os dados quantitativos expressos na Tabela 2. Observando a produção como um todo, verificamos que a (bio)ética foi discutida sob vários aspectos; no entanto, após uma análise mais profunda, concluímos que as reflexões, de uma maneira geral, se concentraram em torno das seguintes preocupações:

- Relação interpessoal, principalmente, a relação profissional/paciente.

O dentista deve perceber seu paciente como um todo (RBO, 2000, n.4).

Relação que de modo geral parece ser um pouco negligenciada no dia-a-dia, na prática clínica (ABO, 2001, n.2).

(...) aspectos que se referem ao paciente devem ser repensados (APCD, 2004, n.1).

- Assuntos, eminentemente, odontológicos (odontocêntricos), favorecendo uma ética individualista. Tal fato fica bastante evidente quando comparamos os nossos achados com o conteúdo do Código de Ética Profissional.
- Uma ética defensiva, semelhante ao modelo norte-americano, onde se discute a questão de processos legais, seguros de responsabilidade civil e a documentação dos pacientes como meio de provas legais em processos, bem como ter um bom relacionamento com os pacientes para se evitar problemas judiciais.

Em caso de condenação indevida, o cirurgião-dentista pode processar o paciente através de uma ação de perdas e danos (APCD, 1999, n.6).

(...) ter bom relacionamento para evitar uma lide judicial (ABO, 2004, n.1).

O ensino de ética nos cursos da área da saúde e, particularmente, na odontologia, limitando-se ao cunho legal e deontológico, e sobretudo focalizando os direitos e deveres profissionais, gera uma prática defensiva, como ocorre, por exemplo, com o modelo norte-americano, cuja prática é pavimentada por leis e os médicos orientados por advogados (Eisele, 2000).

O modo pelo qual a (bio)ética foi discutida, nas publicações estudadas, mostrou exatamente essa tendência. Vários artigos abordaram essa problemática de uma forma direta, tratando de processos e seguros de responsabilidade profissional. No entanto, outros, indiretamente, falavam sobre o assunto, como foi o caso de grande parte dos temas a respeito da documentação odontológica e da relação profissional/paciente.

É importante incutirmos que a lei pode intimidar o cirurgião-dentista ou qualquer outro profissional da saúde, em favor do ato perfeito, mas é a ética, por

meio da força do caráter e da consciência, que modela a feição beneficente e humanitária do seu gesto. Dessa forma, adverte Mbaya (1996, p.95) que *a ética é, então, uma lei de consciência, diferente da lei dos cidadãos, que 'fala' do exterior, que é, portanto, visível e constrangedora, enquanto que aquela que 'fala' do interior é freqüentemente invisível, dir-se-ia 'natural' e executada praticamente sem constrangimento.*

3. Explorando os caminhos: a (bio)ética e o conhecimento científico (caminhos e possibilidades para uma formação e prática odontológicas dentro de uma cultura ética)

Com profundas raízes no campo filosófico, a ética não se contenta com respostas definitivas. As suas indagações apresentam sempre novas questões. Para Rios (2001, p.44), *a filosofia se caracteriza como uma busca amorosa de um saber inteiro. Portanto, ver com clareza, abrangência e profundidade a realidade, assumindo diante dela uma atitude crítica, é a tarefa constante do filósofo (deveria ser a de todo ser humano) que, além do mais, se orienta em um esforço de compreensão, isto é, de desvelamento da significação, do sentido, do valor dos objetos sobre os quais se volta.*

Assim sendo, nesta última categoria, buscamos identificar os pensamentos e reflexões a respeito de possibilidades para uma formação e uma prática baseadas em uma perspectiva complexa da ética. Apesar de, quantitativamente, não termos encontrado muitas discussões inseridas nesta abordagem, durante a análise qualitativa foi possível identificar, mesmo que em número bastante reduzido, artigos apontando caminhos na busca de uma formação e uma prática mais abertas, complexas e integrais, sob um enfoque também mais crítico e humano, contribuindo, dessa maneira, para uma mudança no pensar/fazer odontológicos, conforme as afirmações destacadas no quadro abaixo:

Quadro 1 – Caminhos apontados nos artigos na busca de uma formação e uma prática mais abertas, complexas e integrais

CAMINHOS	EXEMPLOS DE DISCURSOS SIGNIFICATIVOS
1. A necessidade de uma visão mais humana e global em relação ao paciente, enfocando o tratamento do doente, e não da doença.	<p><i>O modelo científico-biologicista, isoladamente não serve para examinarmos e entendermos o pensamento e os sentimentos humanos (APCD, 1993, n.2).</i></p> <p><i>(...) aspectos humanos, psicológico, etc, freqüentemente esquecidos pelo profissional de saúde, educado sobretudo em modelos científicos-biológicos (...) devemos tratar o doente e não a doença (APCD, 1993, n.2).</i></p>
2. A busca da recuperação do diálogo e da confiança na relação interpessoal.	<p><i>(...) aspectos que se referem ao paciente devem ser repensados, (...) ressaltando-se a importância de nunca depreciar o grau de entendimento (APCD, 2004, n.1).</i></p> <p><i>(...) estabelecer o diálogo é uma forma de recuperar o conceito de que o atendimento não é só técnico (ABO, 1998, n.2).</i></p>
3. Necessidade de uma formação educacional e profissional em odontologia, preocupada com uma visão mais humanista, na qual a (bio)ética deverá ser abordada como algo necessário e presente no cotidiano.	<p><i>Em geral, as faculdades de Odontologia não se preocupam em dar aos futuros dentistas uma formação mais humana. O assunto parece então, muito distante da realidade que os profissionais vão enfrentar, quando na verdade, está presente no dia-a-dia... (Apcd, 2000, n.4).</i></p>
4. Uma verdadeira formação ética que não seja pautada e limitada apenas ao Código de Ética Profissional.	<p><i>O Código de Ética na realidade traz normas de conduta profissional, o seu cumprimento não pode estar associado ao temor causado. (...) O profissional deverá ter uma conduta pautada na reflexão da ética formal, relacionada aos seus valores individuais (APCD, 2004, n.1).</i></p>
5. O profissional deve lembrar-se que é humano, com limitações e dificuldades.	<p><i>Há uma tendência infantil em achar que o uniforme branco eleva e purifica seu portador, detentor de poder sobre a vida e a morte (APCD, 2004, n.4).</i></p> <p><i>O dentista deve mudar sua visão(...) e se respeitar como ser humano, com limitações e dificuldades (ABO, 1998, n.2).</i></p>
6. O entendimento de que nem tudo que é cientificamente possível, é eticamente permitido.	<p><i>Vale em pesquisa com seres humanos, ter sempre em mente o princípio de que nem tudo que é cientificamente possível é eticamente permitido (APCD, 2001, n.6).</i></p>
7. Abstenção de uma postura mercantilista no âmbito da odontologia. 8.	<p><i>(...) pois é a partir dela que os princípios éticos são ignorados (APCD, 2004, n.1).</i></p>
9. A necessidade de um desenvolvimento do espírito e da prática da cidadania.	<p><i>À medida que a consciência de cidadania torna-se parte integrante e é praticada pelas pessoas, seus parâmetros de deveres e direitos são mais compreendidos e posto a valer. (...) as leis são necessárias, sendo que quanto mais qualificada a sociedade e mais desenvolvido o sentimento e a prática da cidadania, menor seria a ação coercitiva das mesmas (ABO, 2000, n.1).</i></p>
10. O cultivo da compreensão e da solidariedade.	<p><i>A lei da vantagem e da superação do outro são os verdadeiros exemplos (...) valores como solidariedade, compreensão, colaboração e perdão não têm mais espaço. O resgate pela ética passa pelo resgate do senso de valores substituindo o sujeito</i></p>

<i>individualista e solitário, pelo sujeito múltiplo e solidário que busca a cultura da solidariedade (APCD, 2004, n.1).</i>
--

Podemos entender que essa forma de compreensão é a busca de um ‘saber amplo’ na análise das questões mais arrebatadoras de nosso contexto e de nosso tempo. Assim sendo, Morin (2000c, p.26) nos aponta uma *necessidade premente de superação da dicotomia, fruto do paradigma cartesiano, que se faz entre razão e sentimento, objeto e sujeito, corpo e alma, matéria e espírito, quantidade e qualidade, causalidade e finalidade, determinismo e liberdade, essência e existência.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido nos possibilitou apresentar uma visão preliminar da produção científica a respeito da (bio)ética. Desta forma, foi revelado, a partir das revistas e artigos analisados, que a odontologia vem discutindo muito pouco sobre a temática em questão (1,9%). No entanto, é salutar frisar que há uma tendência, mesmo que tímida, de crescimento das reflexões nesse sentido.

Todavia, a partir de tal análise, ao que parece, há um descompasso entre a atual abordagem da (bio)ética em odontologia e as atuais exigências da vida. Assim sendo, afirmamos que a maneira pela qual esta temática vem sendo questionada parece corresponder apenas às necessidades da profissão odontológica, que não coincidem necessariamente com as da sociedade global. Os conteúdos de alguns artigos reforçam a necessidade de abordar a (bio)ética em odontologia, a partir de um enfoque complexo da vida, pois, caso contrário, continuaremos dentro da mesma perspectiva “odontocêntrica” e legalista atual. Essas formas de abordagens

dificultam muito uma reflexão e uma prática que possibilitem religar as partes perdidas, resultantes, de alguma maneira, do modelo cartesiano que favorece a fragmentação do saber e, em decorrência, fragmenta o próprio homem.

Além do mais, na realidade, o que está em causa é saber se queremos que a formação profissional se pautem por normas, regras, códigos regendo suas práticas, ou se desejamos profissionais com competência ética, ou seja, com a capacidade de sentir, problematizar, de refletir, de bem refletir e de constantemente responder às questões éticas em termos que sejam, ao mesmo tempo, rigorosos e pertinentes, humanos e coerentes. De acordo com os achados da pesquisa, onde há predominância do enfoque normativo, aliado à pouca atenção dada a este tema, é nítido que a odontologia tende a ser conduzida pelo primeiro caminho.

Concordamos que o problema ético é um problema de conflito de valores. Assim sendo, encerra uma complexidade que extrapola a realidade dos códigos, das leis, das normas, simplesmente. Desta forma, preferentemente, mais do que formular determinadas normas e cristalizá-las num código, é tarefa da ética a ser estudada/ensinada na odontologia realizar uma reflexão crítica, questionadora, que tenha por finalidade salvar o humano, a hipoteca social de toda atividade profissional, procurando, assim, a humanização do trabalho, isto é, colocá-lo a serviço do ser humano e da sociedade como um todo.

Fazer diferença entre conduta moral 'pessoal' e conduta moral 'profissional' é inviável e disto têm conhecimento aqueles profissionais que trabalham com os conceitos de pessoa, responsabilidade, respeito, verdade, consciência, autonomia, justiça e outros, presentes no cotidiano de suas práticas e que deverão estar interiorizados para que possam nortear, balizar e modelar a conduta do cidadão e do profissional, qualquer que seja a sua área.

Portanto, faz-se necessário repensarmos sobre questões verdadeiramente éticas suscitadas pela vida cotidiana, em situações as mais adversas, sendo primordial a participação de todos os que fazem a odontologia nessas discussões, independentemente da sua especialização, fortalecendo e embasando o caráter transdisciplinar da (bio)ética. Uma vez que, o estudo revelou, de forma transparente, que as publicações nesse sentido são iniciativas limitadas de alguns grupos específicos, situados principalmente na região Sudeste do País. Tais grupos são as instituições de ensino e as próprias revistas estudadas, sendo assim responsáveis pelo maior número dessas produções, onde as primeiras detêm 59,65% desse total e as segundas 29,82%, reforçando, assim, o papel das revistas como instrumentos importantes para a construção do saber e pensar em odontologia.

Convém ressaltar, que mesmo havendo um certo monopólio intelectual, acreditamos existir uma real possibilidade de crescimento das reflexões e discussões (bio)éticas no âmbito odontológico, e de construção do novo, visto que, tal concentração é oriunda de instâncias responsáveis pela geração e divulgação dos saberes.

Temos que mudar algumas de nossas concepções e caminhar em direção a um fazer profissional humanizado, e, ao mesmo tempo, pensar mais como a ciência é feita, procurando entendê-la em sentido mais profundo. Dessa forma, refletir sobre uma ética da vida nos faz iluminar as idéias e a prática, sem determinar o que fazer e como fazer; também clareia os caminhos, sem a pretensão de definir o qual devemos tomar, deixando aberta a possibilidade de opção por este ou aquele, até de invenção de alternativas, à luz do compromisso com a responsabilidade, verdade, liberdade, democracia, justiça, humanização das instituições e da sociedade em geral.

É este o caminho que a odontologia deve conduzir o seu pensar e fazer, para termos uma verdadeira formação e, principalmente, vivência (bio)ética. Apesar de os resultados, em termos quantitativos, não serem os desejados, qualitativamente, mesmo de uma forma discreta, caminhos e possibilidades foram apontados para construção de uma formação e prática odontológicas, baseadas na necessidade do desenvolvimento de um apurado senso crítico, da humanização das relações e ações, do estímulo à responsabilidade, à justiça, à solidariedade, ao amor e de uma cidadania plena.

Portanto, acreditamos que os resultados da presente investigação, mesmo diante de suas limitações, parecem oferecer subsídios para a reflexão, assim como para estudos posteriores sobre o tema, servindo de parâmetro para acompanhar a evolução do pensar (bio)ético na odontologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMORIM, K. P. C.; ALVES, M. S. F.; GERMANO, R. M. A construção do conhecimento na odontologia: a produção científica em debate. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v.20, Suppl, p.12-15, 2005.
2. ANDRADE, M. Publicações. **ABO Nac**, v.12, n.5, p.262-275, 2004.
3. AZEVÊDO, E. E. S. Ensino da bioética: um desafio transdisciplinar. **Interface – Comunic., Saúde, Educ.**, v.2, n.2, p.127-137, 1998.
4. BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
5. BELLINO, F. **Fundamentos da bioética**: aspectos antropológicos, ontológicos e morais. São Paulo: EDUSC, 1997.
6. BOFF, L. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Brasília: Letraviva, 2000.
7. CAMARGO, M. C. V. Z. A. O ensino da ética médica e o horizonte da bioética. **Bioética**, v.4, n.1, p.47-51, 1996.
8. CASTRO, C. M. Há produção científica no Brasil? **Ciência e Cultura**, v.37, n.7, p.165-187, 1985.
9. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares nacionais do curso de graduação em odontologia, Resolução CNE/CES 3/2002, **Diário Oficial da União**, Brasília, 4 de março de 2002, Seção 1, p. 10.
10. DE MÉIS, L; LETA, J. **O perfil da ciência brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
11. EISELE, R. L. O ensino da ética no curso de medicina. In: SIQUEIRA, J.E. (Org) **Bioética**: estudos e reflexões. Londrina: Editora UEL, 2000.
12. GERMANO, R. M. **A ética e o ensino de ética na enfermagem do Brasil**. São Paulo: Cortez, 1993a.
13. GERMANO, R. M. **Educação e Ideologia da Enfermagem do Brasil**. São Paulo: Cortez, 1993b.
14. GOMES, R.; CAVALCANTI, L. F.; MARINHO, A. S. N.; SILVA, L. G. P. Os sentidos do rito de gravidez segundo a obstetrícia: um estudo bibliográfico. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.9, n.4, p.62-67, 2001.
15. GOMES, R.; FONSECA, E. M. G. O.; VEIGA, A. J. M. O. A Visão da pediatria acerca da gravidez na adolescência: um estudo bibliográfico. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.10, n.3, p.408-14, 2002.

16. GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
17. GRISARD, N. Ética Médica e Bioética: a disciplina em falta na graduação médica. **Bioética**, v.10, n.1, p.97-114, 2002.
18. MARSIGLIA, R. M. G; SPINELLI, S. P; LOPES, M. F; SILVA, T. C. P. Das ciências sociais para as ciências sociais em saúde: produção científica de pós-graduação em ciências sociais. **Ciênc. saúde coletiva**, v.8,n.1, p.275-285, 2003.
19. MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
20. MBAYA, E. R. Perspectiva internacional no ensino de ética em saúde. **Bioética**, v4, n1, p.87-95, 1996.
21. MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 1996.
22. MINAYO, M. C. S; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, v.9, n.3, p. 239-262, 1993.
23. MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a.
24. MORIN, E. **Complexidade e transdisciplinaridade**: a reforma da universidade e do ensino fundamental. Natal: EDUFRN, 2000b.
25. MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000c.
26. MORIN, E. **O método 6**: ética. Porto Alegre: Sulina, 2005.
27. PAULA, L. M.; BEZERRA, A. C. B. A estrutura curricular dos cursos de Odontologia no Brasil. **Revista da ABENO**, v.3, n.1, p.7-14, 2003.
28. PFÜRTNER, S. Responsabilidade das ciências: para uma ética especializada. **Concilium**, n.223, p.70-83, 1989.
29. POTTER, V. R. **Bioethics**: Bridge to the future. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1971.
30. RIOS, T. A. **Compreender e ensinar**: por uma docência da melhor qualidade. São Paulo: Cortez, 2001.
31. SIQUEIRA, J. E. O ensino da Bioética no curso médico. **Bioética**, v. 11, n.2, p.33-42, 2003.
32. TV CULTURA. Entrevista com Henri Atlan sobre Bioética. **Programa Roda Viva**, São Paulo. Exibido no dia 07 de janeiro de 2002.

33. YAMAMOTO, O. H.; SOUZA, C. C.; YAMAMOTO, M. E. A produção Científica na Psicologia: uma análise dos Periódicos Brasileiros no período 1990-1997. **Psicol., Reflex. Crít.**, v. 12, n.2, 1999.
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102-797219990002&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 04 dez. 2004.

4 COMENTÁRIOS, CRÍTICAS E CONCLUSÕES

A depender do objeto de estudo e das questões de pesquisa é possível escolher, dentre os diversos tipos de pesquisa, aqueles que melhor se adaptam aos nossos objetivos. De acordo com Gil ¹⁹, as pesquisas de cunho bibliográfico objetivam: a) redefinir problemas, na medida em que forem muito amplos e pouco esclarecidos; b) obter informações acerca de técnicas de coletas de dados; c) coletar dados em resposta a um problema estudado; e ainda d) interpretar os resultados de uma determinada pesquisa através da comparação com dados de outros pesquisadores.

Luna ²⁰, ao tratar das revisões de literatura, destacou que deve ser considerada a intencionalidade do pesquisador (o que pretende? familiarizar-se com o assunto ou recuperar a evolução de um conceito?). Mesmo assim, existem critérios e normas que devem ser seguidas, independentemente do que se pretende alcançar. A revisão de literatura, segundo a autora, engloba desde o levantamento de literatura até as pesquisas de mais fôlego, como as teses de doutorado.

Nos círculos acadêmicos, ainda existe uma certa confusão quanto ao uso desses termos, de tal modo que aquilo considerado como levantamento de literatura para alguns, pode ser revisão de literatura para outros. Assim sendo, em concordância com Luna ²⁰ e baseando-nos na conceituação de Lira ²¹, no presente estudo, consideramos que a pesquisa bibliográfica seria um termo geral, que engloba tanto os levantamentos de literatura (primeiro momento de contato do pesquisador com o tema e cumprimento da função de situar a problemática de pesquisa), quanto as revisões de literatura; sendo esta fase o mapeamento exaustivo e a leitura crítica de um conjunto de fontes escritas delimitadas num certo

período de tempo. Esta última definição, entendida desta forma, engloba e/ou é englobada pela análise de conteúdo, propriamente dita, proposta por Badin ²², e escolhida, neste estudo, como metodologia de análise qualitativa do material empírico.

As diretrizes propostas para se efetuar uma revisão de literatura nem sempre são possíveis de ser seguidas, tal como propõem os manuais de pesquisa ²⁰. A esse propósito, os passos para a realização de uma pesquisa bibliográfica servem apenas para uma orientação geral e não como um modelo rígido de normas ¹⁹.

As revisões de literatura deverão cumprir quatro fases, conforme anuncia Gil ¹⁹, e pelas quais procuramos nos guiar na etapa de classificação geral de todos os artigos (fases *a* e *b*) e, posteriormente, na seleção daqueles artigos referentes à (bio)ética (fases *a*, *b*, *c* e *d*):

a) Leitura exploratória – num primeiro momento, buscamos o material potencialmente útil ao trabalho a ser desenvolvido, e utilizamos indicadores, como o título da obra e as palavras-chave. Fizemos ao mesmo tempo uma leitura “flutuante” do corpo do texto, focalizando possíveis pontos de interesse relativos à temática estudada.

b) Leitura Seletiva – de acordo com os objetivos da pesquisa, selecionamos todas as fontes que se aproximavam do núcleo da investigação. A partir daí, procedemos às leituras de reconhecimento das obras.

c) Leitura analítica – esta leitura incorpora: leituras integrais das obras para se ter uma visão do todo; identificação das idéias chaves; hierarquização das idéias, e sua sintetização.

d) Leitura interpretativa – esta leitura objetiva (...) *relacionar o que o autor afirma com o problema para o qual se propõe a solução* (p.70); consultamos outros

autores e conhecimentos, tecendo considerações mais amplas sobre o conjunto da pesquisa.

Durante as duas últimas fases, foram elaborados fichamentos dos textos selecionados que comporiam o material empírico relacionado à (bio)ética, a fim de facilitar a análise qualitativa.

O presente estudo foi realizado dentro de uma abordagem quantitativa/qualitativa. A importância do enfoque qualitativo para o aprofundamento do objeto pesquisado foi essencial, pois este permite ir além de uma visão relativamente simples, superficial, estética dos significados, buscando suas raízes, as causas de sua existência, suas relações, em um quadro amplo do sujeito como ser social e histórico, tratando de explicar e compreender o desenvolvimento da vida humana e de seus diferentes significados no devir dos diversos meios culturais ²³.

Para Minayo, ²⁴ as metodologias de pesquisa qualitativa são aquelas *capazes de incorporar a questão do **significado e da intencionalidade** como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas* (p. 21 e 22).

Como ressaltamos, anteriormente, as informações durante a etapa qualitativa da pesquisa foram devidamente trabalhadas, seguindo os passos explicitados por Bardin ²² acerca da Análise de Conteúdo.

Operacionalmente, a análise temática de conteúdo desdobrou-se em três etapas: a primeira etapa foi a pré-análise, na qual realizamos leituras exaustivas do material, procurando um sentido geral do que foi escrito e identificando; posteriormente, os pontos convergentes, representativos e significativos ao tema. A etapa seguinte foi a exploração do material empírico, com a finalidade de definir as

categorias de análise, totalizando três categorias, descritas no artigo submetido à Revista Interface (capítulo 3). A terceira etapa consistiu no agrupamento, classificação e categorização dos discursos significativos aos objetivos propostos. As categorias foram representadas por três diferentes cores, de forma a facilitar a identificação e recorte dos discursos inseridos em cada artigo.

A partir de então, procedemos à análise final das informações. Neste momento, procuramos estabelecer articulações entre as informações obtidas e o aporte teórico da pesquisa.

A análise de conteúdo, para alguns, é um conjunto diversificado de técnicas; para outros, um método de pesquisa. Não entraremos nos meandros dessa discussão. Franco ²⁵ descreveu-a como sendo uma técnica que objetiva buscar o *sentido* ou os *sentidos* de um texto, com a finalidade de fazer inferências mediante a identificação das características específicas das mensagens. Minayo ²⁴ descreveu como sendo uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de mensagens.

Sendo esta tese uma pesquisa bibliográfica, relacionada com a produção do conhecimento a respeito da (bio)ética na odontologia, o recorte temporal utilizado compreende o ano de 1990 até o ano de 2004. A escolha por este período deve-se ao fato de a década de 1990 ter sido o período no qual as discussões (bio)éticas começaram a ter um espaço mais concreto no Brasil. Outros aspectos que corroboram tal escolha são: a) o fato de o primeiro periódico nacional indexado especializado em (bio)ética datar de 1993 – a revista Bioética; e b) o surgimento do estatuto de fundação da Sociedade Brasileira de Bioética (SBB), que, por sua vez, data de 1998. São estes dois marcos importantes para a organização, democratização e difusão do conhecimento (bio)ético no País. A década de 1990

demonstra ser, portanto, um período fundamental para a consolidação da (bio)ética brasileira.

Os resultados das pesquisas científicas são divulgados através dos canais de comunicação, formais e informais. Embora a comunicação informal seja de grande importância, é através da publicação dos trabalhos que os pesquisadores garantem a propriedade científica e o reconhecimento, de uma forma mais ampla, de seus pares. No mundo científico moderno, onde observamos um aumento no número de pesquisas, as revistas científicas desempenham um papel importante, pois são maneiras dinâmicas de divulgar o conhecimento que se produz. Tais premissas fortaleceram a nossa intenção de aprofundar o estudo sobre o conhecimento (bio)ético no âmbito odontológico, explorando esses caminhos.

Como foi dito anteriormente, do conjunto de revistas especializadas em odontologia e publicadas no Brasil, selecionamos três para fazerem parte do estudo: a ABO Nacional, a APCD e a RBO. Dessa forma, o material empírico, no total, foi formado por 246 exemplares, somando-se os quinze anos das três revistas, conforme descrito nos artigos do capítulo 3.

Para o desenvolvimento do trabalho e obtenção de todo esse material, foram consultados acervos de oito bibliotecas, listadas, a seguir, por ordem de consulta: Biblioteca Setorial do Departamento de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DOD-UFRN), Biblioteca da Associação Brasileira de Odontologia-Seção RN (ABO-RN), Biblioteca da Universidade Potiguar (UnP), Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Biblioteca da Associação Brasileira de Odontologia Seção-RJ (ABO-RJ), Biblioteca da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Biblioteca Setorial da

Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo (FOUSP) e a Biblioteca Setorial da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

À primeira vista, esse número pode parecer exagerado, por se tratar de três revistas apenas. No entanto, como bem analisa Narvai ²⁶, tal fato é consequência da precariedade de boa parte das coleções dessas bibliotecas, desfalcadas de muitos fascículos. É oportuno frisar que só obtivemos cinco exemplares da Revista ABO Nacional após consulta aos seus editores. O autor aborda uma questão que merece atenção, quando discorre sobre as dificuldades encontradas pelas bibliotecas para manter seus respectivos acervos; dificuldades que vão, por exemplo, da falta de funcionários ao roubo: *O furto não é estranho às bibliotecas em todo o mundo. Em nosso país, entretanto, essa prática passa muito dos limites suportáveis. E complementa dizendo que sem biblioteca de qualidade não se deve esperar qualidade no ensino e na pesquisa ali produzidos.*

Infelizmente, nós pudemos comprovar esse fato, pois, ao fazer nossas buscas, deparamo-nos com exemplares em péssimo estado de conservação ou faltando artigos inteiros.

Outra estratégia utilizada para localizar os exemplares foi entrar em contato direto com o corpo editorial das Revistas, e solicitar os exemplares faltosos. Obtivemos êxito com relação à Revista ABO Nacional, como ressaltamos anteriormente.

É pertinente esclarecer que, inicialmente, ao apresentarmos o projeto de pesquisa, tínhamos a pretensão de trabalhar com seis revistas brasileiras da área da odontologia. Mas devido à dificuldade para localizar todos os exemplares, dificuldade essa exposta anteriormente, aliada ao tempo estipulado para a conclusão do doutorado e a ausência de financiamento da pesquisa, resolvemos

trabalhar com a metade dos periódicos propostos. Nesse sentido, Bauer e Aarts respaldam essa nossa decisão, quando afirmam que o tempo disponível para a realização da pesquisa será a primeira restrição sobre o tamanho do *corpus*, *coleção finita de materiais determinada de antemão pelo analista, com inevitável arbitrariedade, e com a qual ele irá trabalhar*, onde uma avaliação séria dos procedimentos referentes ao tempo exigido para a seleção e análise irá aumentar o realismo de muitos pesquisadores ²⁷. Além das três revistas estudadas, seriam instrumento da pesquisa as seguintes: Revista Gaúcha de Odontologia (RGO), Revista Pesquisa Odontológica Brasileira, e Saúde em Debate.

O fator que nos deu a maior segurança na decisão e opção pelas três revistas, em questão, foi a realização do *survey* (artigo 1 do capítulo 3), com o intuito de confirmar as potencialidades das publicações vislumbradas para o estudo, visando ao alcance das metas pretendidas.

Durante a seleção, a priori, das revistas foram considerados os trabalhos dos seguintes autores:

Louro Filho utilizou, no trabalho *Avaliação e Perspectivas 1982 – Odontologia*, realizado a pedido do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), uma amostra contendo nove periódicos odontológicos brasileiros, dentre os quais estavam a RBO e a APCD ²⁸.

Narvai em sua tese de Doutorado, na qual a produção brasileira na área de odontologia preventiva e social foi identificada e analisada, utilizou dezenove periódicos, entre eles somente a Revista da ABO Nacional não foi contemplada ²⁶.

Salvador ²⁹ registra que o artigo é o meio mais indicado para descrever as investigações em curso e apresentar seus resultados, propor uma teoria, provocar

uma troca de impressões etc. Assinala que as principais publicações periódicas são o jornal e a revista e conceitua publicações periódicas como

aquelas editadas em fascículos, a intervalos regulares ou irregulares, por tempo ilimitado, com a colaboração de diversos escritores, sob a direção de uma só pessoa ou de várias pessoas, em conjunto ou sucessivamente, que tratam de assuntos diversos, porém dentro dos limites de um programa mais ou menos definido. Suas características principais são a continuidade, ao menos intencional; colaboração, em geral, de várias pessoas; e variedade de conteúdo.

Tais perspectivas foram suficientes para as finalidades da presente investigação.

As três revistas analisadas possuem caráter geral, ou seja, atingem do clínico geral ao especialista, e estão classificadas com conceito B nacional (Comitê Medicina II), pela avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES QUALIS), durante o triênio 2003-2006.

A Revista ABO Nacional foi lançada em 1993, na época, com uma proposta editorial avançada para o setor odontológico: divulgar a produção científica nacional com a publicação de artigos e também abordar assuntos de interesse do cirurgião-dentista através de um enfoque jornalístico. Possui atualmente periodicidade bimestral, distribuição nacional e cada número atinge tiragem de 30 mil exemplares, em média.

Além da qualidade de seu conteúdo, segundo a visão do próprio corpo editorial da revista, o título apresenta uma das melhores relações entre custo e benefício do mercado e boas condições de pagamento. *A Revista ABO Nacional não tem características mercantilistas, possui alto padrão científico e corpo editorial renovado*, afirma o presidente da ABO Nacional, Norberto Francisco Lubiana³⁰.

A ABO Nacional, desde 1998, é indexada em duas bases de dados: Bibliografia Brasileira de Odontologia (BBO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS).

Desde a sua edição 72 (jun-jul-2005), o *site* da ABO Nacional disponibiliza a todos os resumos dos artigos no formato *on-line*.

A Revista APCD é o órgão de divulgação científica da Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas. É publicada bimestralmente, desde a sua fundação em 1947. Segundo informações obtidas com a equipe da revista, estima-se, para o ano de 2006, 40.000 exemplares. Para os sócios da APCD, a revista é disponibilizada na página desta Associação, na versão *on line*. A Revista é indexada na BBO, LILACS e ADOLEC.

A história da Revista da APCD é muito relevante. A Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas editou o primeiro volume de sua revista em 1911. Nesta ocasião, a revista, com o nome de Revista de Odontologia Brasileira, iniciou profícua e ininterrupta caminhada até o ano de 1938, perfazendo, portanto, 27 anos de vida científica. Com o advento da proibição de Revistas de Classe Profissional, a publicação foi interrompida sem que a APCD nada pudesse fazer. Porém, em 1947, a Associação passou novamente a editá-la com o nome de Revista da Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas (APCD), uma das revistas do nosso estudo. Nesta nova etapa, a numeração dos volumes foi reiniciada com o n° 1.

Em 1994, a revista passa a ter uma produção gráfica diferenciada, com a introdução de novas seções e, fundamentalmente, com a filosofia de atender ao interesse informativo do associado, apresentando-se totalmente em cores. Isso torna-se importante, pois, além de as imagens terem mais força em cores, os autores poderiam contar com um número maior delas para ilustrarem seus artigos. O

limite para o número de imagens expandiu-se, em um curtíssimo espaço de tempo, de 4 imagens em preto e branco para 16 imagens coloridas.

O periódico RBO, editado pela Associação Brasileira de Odontologia/Seção Rio de Janeiro, foi fundado em 1943 pelos professores Orandino Prado Filho, Antônio Leme Jr. e Homero Coutinho, estando no mercado há 63 anos. No início, era uma publicação bimestral, porém, a partir de janeiro de 2004, passou a ser editada como trimestral, sendo que os números 3 e 4 saíram juntos neste ano, em um único exemplar. Atualmente, com periodicidade semestral e tiragem de 7 mil exemplares, a RBO tem uma distribuição dirigida aos seus associados, rigorosamente em dia com suas contribuições sociais, anunciantes e faculdades do Rio e de outros estados, através de assinatura ou permuta.

Em 2000, houve uma modificação no projeto gráfico-editorial da RBO. A Revista passou a ser publicada toda em cores, com o visual moderno, *layout* arrojado e novas seções, mudanças estas baseadas numa grande pesquisa de mercado, que foi feita para saber quais os pontos que tinham que ser melhorados na publicação³¹.

Atualmente este periódico está indexado nas seguintes bases de dados: Medline, BBO e Lilacs.

Os resultados e discussão do artigo submetido à Revista Interface são complementados através dos gráficos e tabelas expostos nos anexos desta tese.

Ainda em relação aos resultados obtidos através do material empírico relacionado à (bio)ética, é oportuno relatar que, ao se falar desta temática, normalmente ela foi abordada sob o enfoque do modelo de análise teórica do Princípioalismo, proposto por Tom Beauchamp e James Childress, em 1979, na obra *Principles of Biomedical Ethics*.

Tal obra recebeu influência do Relatório Belmont, editado nos EUA, sendo considerada o trabalho central sobre o assunto. Essa abordagem, que se tornou clássica, centra-se, sobretudo, em alguns princípios cuja aplicação supostamente leva à solução dos dilemas éticos: autonomia, beneficência, não maleficência e justiça.

Como o título indica, o principal conteúdo do volume diz respeito ao sentido e ao alcance desses princípios, e sobre o seu funcionamento em análise de casos. O livro pretende fazer um quadro de análise do raciocínio moral. Efetivamente, os autores discutem minuciosamente diversos casos, ilustrando como os diversos princípios intervêm na solução deles ³².

Uma grande parte da literatura se refere ao Princípioalismo e ao livro, citado anteriormente, seja para inspirar-se neles — foi o que ocorreu com os nossos achados—, seja para criticá-los. Os que criticam, na maioria das vezes argumentam que tais princípios são freqüentemente aplicados de maneira um tanto mecânica, automática, como mantras ³³.

O Relatório Belmont, anteriormente mencionado, foi produzido, em 1978, pela *National Commission for the Protection of Human Subjects of Biomedical and Behavioral Research*, estabelecida pelo Congresso Americano, em 1974, e apresentava os princípios éticos que deviam guiar toda experiência com seres humanos, isto é, a beneficência, o respeito pela pessoa e a justiça.

Diante do exposto, podemos sintetizar as considerações finais da presente investigação, da seguinte forma:

- A odontologia vem discutindo muito pouco sobre (bio)ética.
- Há uma tendência, mesmo que tímida, de crescimento das reflexões nesse sentido.

- A predominância do enfoque normativo, aliada à pouca atenção dada a este tema, conduz a uma formação profissional pautada em normas, regras, códigos.
- O descompasso entre a atual abordagem da (bio)ética em odontologia e as atuais exigências da vida parecem corresponder apenas às necessidades da profissão odontológica, que não coincidem necessariamente com as da sociedade global.
- As publicações sobre (bio)ética são iniciativas limitadas de alguns grupos específicos, situados principalmente na região Sudeste do País. Tais grupos são as instituições de ensino (59,65%) e as próprias revistas estudadas (29,82%).
- Os resultados encontrados reforçam o papel das revistas e das instituições de ensino como instrumentos importantes para a construção do saber e pensar em odontologia.
- Os conteúdos de alguns artigos fortalecem a necessidade de abordar a (bio)ética em odontologia, a partir de um enfoque complexo da vida, ou seja, com a capacidade de sentir, problematizar, refletir, bem refletir e de constantemente responder às questões éticas em termos que sejam, ao mesmo tempo, rigorosos e pertinentes, humanos e coerentes.
- Os resultados da presente investigação, mesmo diante de suas limitações, parecem oferecer uma visão preliminar da produção científica a respeito da (bio)ética no âmbito odontológico e subsídios para a reflexão, assim como para estudos posteriores sobre o tema, servindo, assim, de parâmetro para acompanhar a evolução do pensar (bio)ético na odontologia.

Assim sendo, pelo número limitado de estudos nessa temática no campo odontológico, esta tese irá contribuir para divulgar essas discussões na área da odontologia e da saúde como um todo, bem como ampliar o leque das

preocupações no âmbito social, ou seja, alargar a relação da odontologia com outras áreas do conhecimento. Também possibilitará, através das reflexões e discussões complexas, direcionamentos e propostas para uma nova perspectiva e novas práticas.

Além do mais, como se trata de estudo sobre a produção científica envolvendo o papel dos periódicos, neste contexto, não só chamará a atenção para o tipo de ciência que está sendo produzida e divulgada, alertando para o fato de o pesquisador ser responsável pelo que produz, como também repense sobre a importância que estas publicações desempenham no contexto atual da ciência e da vida.

5 ANEXOS

5.1 Gráficos complementares do artigo – O conhecimento científico e a odontologia: os (des)caminhos de uma formação (bio)ética, submetido a Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação

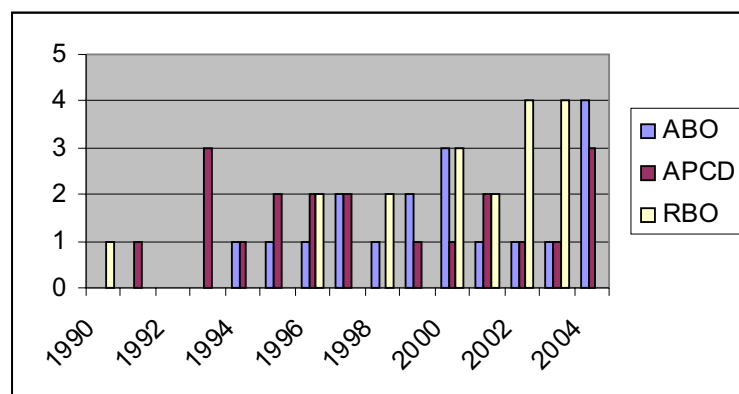


Figura 1 - Distribuição dos artigos relacionados à (bio)ética, dentro do período de 1990-2004, e publicados pelas três revistas

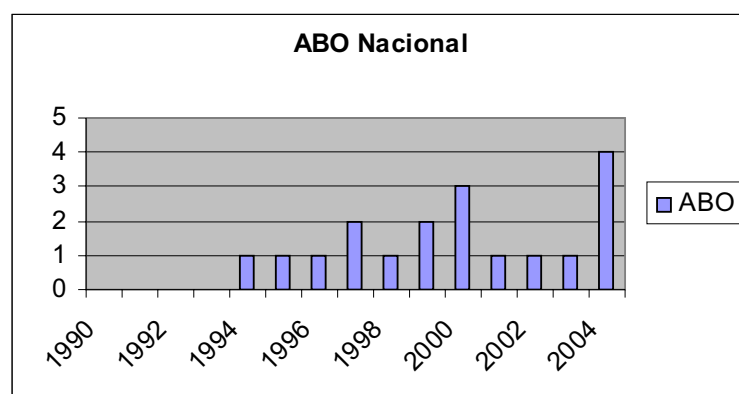


Figura 2 - Distribuição dos artigos relacionados à (bio)ética, dentro do período de 1990-2004, e publicados pela Revista ABO Nacional

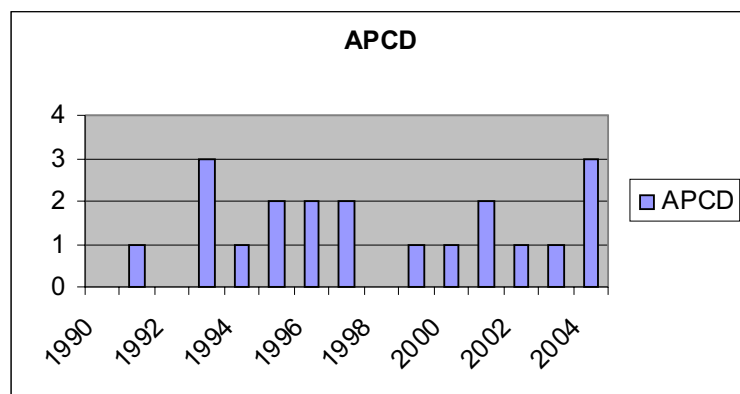


Figura 3 - Distribuição dos artigos relacionados à (bio)ética, dentro do período de 1990-2004, e publicados pela Revista APCD

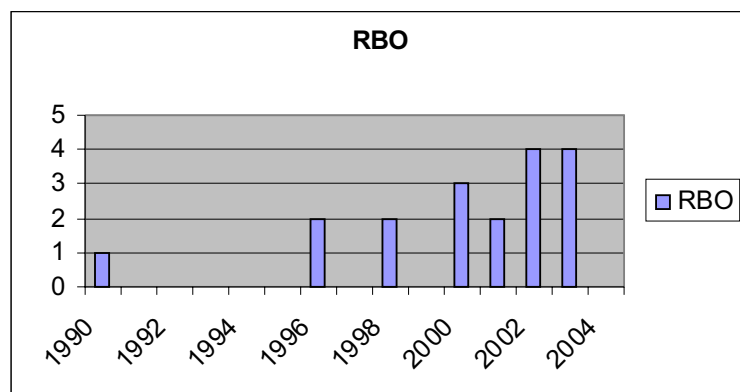


Figura 4 - Distribuição dos artigos relacionados à (bio)ética, dentro do período de 1990-2004, e publicados pela Revista RBO

5.2 Tabelas complementares do artigo – O conhecimento científico e a odontologia: os (des)caminhos de uma formação (bio)ética, submetido a Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação

Tabela 1 – Distribuição dos artigos por área de formação e/ou atuação do 1º autor e periódicos

ÁREAS DE FORMAÇÃO E/OU ATUAÇÃO	REVISTAS				
	AB O	APC D	RB O	TOTA L	%
Revista	6	8	3	17	29,83
Odontologia Social	2	7	1	10	17,54
Odontologia Legal/deontologia	3	1	3	7	12,28
Estomatologia/patologia bucal	2	3	0	5	8,77
Clínica Odontológica	0	0	4	4	7,02
Cirurgia e traumatologia buco-maxilo-facial	2	0	1	3	5,26
Direito	0	1	1	2	3,51
Membros de entidades ou órgãos de classe	1	0	1	2	3,51
Odontopediatria	1	0	1	2	3,51
Clínica Médica	0	0	1	1	1,75
Psicologia	0	0	1	1	1,75
Endodontia	0	0	1	1	1,75
Materiais Dentários	1	0	0	1	1,75
Radiologia	0	1	0	1	1,75
Total	18	21	18	57	100,00

Tabela 2 – Distribuição dos artigos por vínculo e/ou cargo funcional do 1º autor e periódicos

TITULAÇÃO E/OU CARGO FUNCIONAL	REVISTAS				
	AB O	APC D	RB O	TOTA L	%
Professor	5	8	10	23	40,36
Equipe da Revista	6	8	3	17	29,83
Pós-graduando	4	2	1	7	12,28
Graduado	0	1	3	4	7,02
Graduando de Odontologia	2	0	0	2	3,51
Pesquisador Doutor	0	1	0	1	1,75
Pesquisador Mestre	0	1	0	1	1,75
Presidente Conselho Federal de Odontologia	0	0	1	1	1,75
Presidente da Associação de Odontologia Uruguia	1	0	0	1	1,75
Total	18	21	18	57	100,00

Tabela 3 – Distribuição dos artigos pelo tipo de instituição na qual o 1º autor está vinculado e periódicos

<i>INSTITUIÇÃO</i>	<i>REVISTAS</i>				<i>%</i>
	<i>AB O</i>	<i>APC D</i>	<i>RB O</i>	<i>TOTA L</i>	
Ensino Público	8	11	4	23	40,35
Revistas	6	8	3	17	29,83
Ensino Privado	3	2	6	11	19,30
Entidades e Órgãos de Classe	1	0	4	5	8,77
Não especificou	0	0	1	1	1,75
Total	18	21	18	57	100,00

Tabela 4 – Distribuição dos artigos por localidade da instituição na qual o 1º autor está vinculado, e publicados pelas três revistas, durante o período de 1990-2004

<i>LOCALIDADES</i>	<i>N o</i>	<i>%</i>
São Paulo	34	59,65
Rio de Janeiro	10	17,54
Rio Grande do Sul	4	7,02
Não especificou	4	7,02
Paraná	2	3,51
Goiás	1	1,75
Distrito Federal	1	1,75
Uruguai	1	1,75
Total	57	100,00

Tabela 5 – Distribuição dos artigos de acordo com o sexo do 1º autor e periódicos

<i>SEXO DOS AUTORES</i>	<i>REVISTAS</i>				<i>%</i>
	<i>AB O</i>	<i>APC D</i>	<i>RB O</i>	<i>TOTA L</i>	
Masculino	11	15	7	33	57,89
Feminino	7	6	11	24	42,11
Total	18	21	18	57	100,00

Tabela 6 – Distribuição dos artigos por suas metodologias e periódicos

<i>METODOLOGIA</i>	<i>REVISTAS</i>				<i>%</i>
	<i>AB O</i>	<i>APC D</i>	<i>RB O</i>	<i>TOTA L</i>	
Revisão	7	4	8	19	33,33
Matéria jornalística/entrevista	6	5	2	13	22,81
Ensaio	2	4	5	11	19,30
Descritivo	2	5	1	8	14,04
Editorial	0	3	1	4	7,02
Estudo de caso	1	0	1	2	3,51
Total	18	21	18	57	100,00

6 REFERÊNCIAS

1. Morin E. *Ciência com Consciência*. 4a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2000.
2. Amorim KPC. *Nos labirintos da vida: A (bio)ética Na formação de odontólogos (a visão de docentes)* [Dissertação]. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2002.
3. Morin E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2ª ed. São Paulo: Cortez; 2000.
4. Laville C, Dionne J. *A construção do Saber – Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Editora UFMG; 1999.
5. Boff L. *Ethos mundial – um consenso mínimo entre os humanos*. Brasília: Letraviva; 2000.
6. Morin E. *O método 6: ética*. Porto Alegre: Sulina; 2005.
7. Mattos MCT. *O ensino da ética em enfermagem em Sergipe: uma constelação histórica* [Dissertação]. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe; 2000.
8. Aristóteles. *Ética a Nicômacos*. Traduzido por: Vallandro L, Bornhem G. São Paulo: Nova Cultura; 1987.
9. Chauí M. *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna; 1995.
10. Kant I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Rio de Janeiro: Edições 70; 1960.
11. Garrafa V. *Dimensão da ética em saúde pública*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 1995.
12. Vazquez AS. *Ética*. 2a ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira; 1975.
13. Segre M, Cohen C, organizadores. *3a ed. Bioética*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 2002.
14. Gafo J. *10 palavras chave em bioética*. Lisboa: Editorial Verbo Divino; 1997.
15. Neves MCP. *A fundamentação antropológica da bioética*. *Bioética* 1996; 4(1):07-16.
16. Azevedo EES. *Ensino da bioética: um desafio transdisciplinar*. *Interface – Comunic, Saúde, Educ* 2005; 2(2):127-37.
17. Berlinguer G. *Questões de vida: ética – ciência – saúde*. São Paulo: HUCITEC; 1993.

18. Prigogine I. Ciência, razão e paixão. Belém: EDUEPA; 2001.
19. Gil AC. Como preparar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas; 1995.]
20. Luna SV. A Elaboração de Revisões de Literatura. Cadernos do Programa de Estudos de Pós-Graduação em Psicologia Educacional da PUC-SC. São Paulo (7); 1986.
21. Lira AAD. Entre os retratos e as formas de retratar: a identidade social do professorado [Dissertação]. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2003.
22. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.
23. Triviños ANS. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas; 1987.
24. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 4 ed. São Paulo: HUCITEC; 1996.
25. Franco MLP. O que é análise de conteúdo. Cadernos do Programa de Estudos de Pós-Graduação em Psicologia Educacional da PUC-SC. São Paulo (7); 1986.
26. Narvai PC. Produção científica na área de odontologia preventiva e social. Brasil, 1986-1993 [Tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997.
27. Bauer MW, Gaskell, editores. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Traduzido por: Guareschi PA. Petrópolis: Vozes; 2002.
28. Louro Filho PP. Odontologia. In: SEPLAN. CNPq. Avaliação & Perspectivas. Vol. VI, Ciências da Saúde; 1982; p. 437-93.
29. Salvador, A.D. Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica: elaboração e relatório de estudos científico . 2a.ed. Porto Alegre; Sulina; 1970.
30. Lubiana FN. A revista ABO Nacional. Comentário. Disponível em : <http://www.abo.org.br/revista>.
31. Assis C. Tradição e credibilidade nos 61 anos da RBO. Rev Bras Odontol 2004; 61(2):108-110.
32. Beucham TL, Childress JF. Principles of Biomedical Ethics. 4a ed. New York: Oxford University Press; 1994.
33. Durand G. Introdução Geral à Bioética — História, conceitos e instrumentos. Traduzido por: Campanário NN. São Paulo: Edições Loyola; 2003.

Abstract

The present research carried out from three national dentistry magazines published in the period between 1990 and 2004, has as a goal to analyze how bioethics has been approached in this area, not only identifying the main concerns and tendencies, but also aiming to learn how this knowledge is produced and divulged in the dentistry circuit. We have articulated a quantitative-qualitative approach, studying 2995 articles. The articles were selected and assorted in twenty thematic categories, through their titles and key words. The analysis of the empiric material shows that, although there is a growth tendency of this discussion, little has been published about this theme (1,9%). Besides, it seems that there is an arrhythmia between the present bioethic approach in dentistry and the present life demands, where the deontology and legalist focuses are predominant, seeming to correspond to the inner aspects of the profession alone. In spite of this, through the qualitative approach it was possible to identify ways to build a more complex and integral odontological formation and practice. Within the conclusions, we still point out, that, this investigation, even face to its limitations, seems to offer subsidies for reflection and further studies about the theme, working as a parameter to keep up with the evolution of the bioethic thinking in the Odontology.

Bibliografia consultada

1. Rother ET, Braga MER. Como elaborar sua tese: Estrutura e referências. São Paulo: 2001.